

Luís Simões

CASA MORTUÁRIA E CREMATÓRIO VILA-CHÃ – PENAJÓIA

Trabalho de Projeto

Mestrado Integrado em Arquitetura (MIA)

Setembro, 2021

Luís Simões

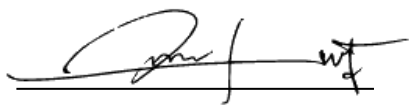
CASA MORTUÁRIA E CREMATÓRIO

VILA-CHÃ – PENAJÓIA

Trabalho de projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, realizada sob a orientação científica de Arquiteto João Carreira

Declaro que este Trabalho de Projeto é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

A handwritten signature in black ink, consisting of a large, stylized 'D' followed by a vertical line and a small 'nt' at the end, all written over a horizontal line.

Porto, 30 de setembro de 2021

Declaro que este Trabalho de Projeto se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

O orientador,

Porto, 30 de setembro de 2021

Agradecimentos

A conclusão deste trabalho, não representa unicamente o trabalho deste último ano de estudos, representa também o culminar de todo o meu percurso académico.

Com um olhar retrospectivo, vejo que tudo isto só foi possível graças ao apoio e a ajuda que recebi de muitas pessoas e de variadas formas. Parece-me difícil agradecer a todos e temo correr o risco de deixar alguns de fora, no entanto, quero deixar aqui uma palavra de apreço em relação aqueles que tenho presentes.

Agradeço aos professores por me apoiarem ao longo do meu percurso académico e por todo o saber que me ajudaram a adquirir.

Agradeço aos colegas que me acompanharam ao longo destes anos, pelo apoio, pelo companheirismo e pela amizade.

Agradeço aos meus e familiares por todo o apoio e por compreenderem o motivo da minha ausência durante tantos e tantos momentos.

Agradeço aos meus pais por tudo, por me apoiarem, por estarem sempre presentes e pela orientação que sempre me deram e que ajudou a fazer de mim a pessoa que sou hoje.

Agradeço à minha companheira e melhor amiga Sandra Bravo, que esteve ao meu lado incondicionalmente. Agradeço pelo apoio, pelos constantes atos de incentivo, pela compreensão e pelos sacrifícios que fez para que eu pudesse concluir esta etapa. (Nem sempre foi fácil, mas conseguimos)

Por último, agradeço a disponibilidade e a paciência do arquiteto João Carreira, cujas provocações sempre foram no sentido de que eu pudesse desenvolver o meu conhecimento e o meu raciocínio de forma que o meu trabalho fosse concluído com os melhores resultados possíveis.

Resumo

CASA MORTUÁRIA E CREMATÓRIO | VILA-CHÃ – PENAJÓIA

PALAVRAS – CHAVE:Arquitetura, espiritualidade, espaço sagrado, ritual, morte, cremação

RESUMO

Todos temos vidas diferentes e diferentes formas de encarar a mesma, no entanto, existe uma condição que é comum a: a finitude.

A morte chega para todos os seres vivos, nos quais está incluído o Homem, no entanto, o Homem tem consciência, é um ser espiritual e por isso encara este fenómeno de forma diferente... Ao longo do tempo, o Homem desenvolveu formas de lidar com este fenómeno, comportamentos e ações levadas a cabo com o intuito de ajudar a superar e a sacralizar este acontecimento, ajudando também o falecido a fazer a travessia para o mundo do além.

Diferentes religiões e filosofias “apropriaram-se” deste evento, desenvolvendo diferentes formas de o celebrar ou, melhor dizendo, diferentes ritos de passagem... Estes ritos de passagem contemplam o protocolo das diferentes etapas do processo exequial; ao prever toda a encenação do referido processo, nestes ritos de passagem está contemplada também a disposição daqueles que deles participam assim como a organização do espaço ou “cenário” que os suporta.

O espaço, em especial, em que se celebram as cerimónias derradeiras torna-se gradualmente num espaço específico, sacralizado, dedicado às questões espirituais, variando as suas características conforme o período histórico e o predicado pelas diferentes crenças religiosas.

Não se pode, contudo, afirmar que os rituais de passagem e a procura por um espaço de “caraterísticas especiais” sejam do domínio da religião tal como se pode verificar através das cerimónias fúnebres realizadas para “celebrar” a morte de pessoas que não professam qualquer religião.

No que diz respeito à forma como nos “desfazemos” do corpo dos falecidos, também esta se apresenta díspar, variando conforme a cultura, a religião e o período histórico. A cremação é uma das formas de dar destino ao corpo dos

falecidos, sendo mesmo a principal prática em muitos pontos do globo.

Arqueólogos e historiadores atestam a ancestralidade desta prática. No ocidente, esta prática caiu em desuso com o advento do cristianismo e só recentemente se voltou a fazer uso da cremação. Em Portugal, só no século XX é que este processo foi restabelecido e apesar do início "tímido", foi alvo de um grande aumento no início do século XXI, tornando-se hoje uma das práticas mais adotadas e em continuo crescimento, evidenciando uma alteração na relação e na perspetiva sobre a morte.

Índice

1-Introdução	13
Tema	13
Objetivo.....	13
Justificação	14
Metodologia.....	14
Estrutura	15
2-Arquitetura, espiritualidade e religião	17
Espiritualidade, religião e sacralidade	17
Arquitetura e “espaço espiritual”	18
A igreja, a mesquita e a sinagoga	22
Arquitetura religiosa contemporânea – três casos de estudo	29
3-Rituais de passagem.....	43
Rituais fúnebres cristãos.....	44
Rituais fúnebres muçulmanos	45
Rituais fúnebres judaicos	46
4-Cremação e sua evolução no mundo e Portugal.....	49
Cremação no Mundo	51
Cremação em Portugal	52
5-O enquadramento territorial.....	59
Espaço físico natural (morfologia, clima e hipsometria).....	60
Acessibilidades.....	62
Demografia e atividades económicas	63
Cultura, paisagem e património	65
Toponímia e história do lugar	66
Espaços religiosos, cemitérios e espaços de cremação	67
Enquadramento urbano e características do edificado	70

O lugar – uma perspectiva empírica	72
6-O equipamento – Descrição e justificação	75
O propósito	75
A justificação	76
A localização.....	76
O programa.....	77
O projeto	79
Estrutura e materiais construtivos.....	82
Memória do projeto	83
7-Conclusão	87
Referências Bibliográficas	90
Índice de Imagens	97
Índice de Ilustrações	100
Índice de Figuras	101
Anexos.....	102

1-Introdução

Tema

A presente memória tem como tema principal o espaço de celebração de rituais fúnebres na contemporaneidade e ainda a pertinência do espaço de cremação nos nossos dias.

A escolha do tema deveu-se, em primeiro lugar, ao facto de acreditar que a arquitetura tem a capacidade de criar espaços passíveis de proporcionar e potenciar uma experiência psicológica/sensorial que permite uma “aproximação ao divino”, podendo, ao mesmo tempo, ser a expressão da nossa condição espiritual.

Em segundo lugar, a escolha deveu-se ao facto de que o tema se apresenta bastante complexo e desafiante e por isso mesmo entusiasmante ao ponto de motivar a realização deste trabalho.

Objetivo

O objetivo desta memória é o de perceber quais as características que alguns espaços têm que os torna capazes de potenciar ou induzir a uma a uma mais estreita relação com o divino, tornando-os apelativos para a realização de atividades do domínio do espiritual.

O outro objetivo deste trabalho é o de perceber a pertinência do espaço de cremação na atualidade e no contexto português.

O estudo realizado pretende servir de base a realização de um projeto de um espaço de celebração de rituais fúnebres, plurirreligioso, normalmente designado por casa mortuária e também de um espaço de cremação.

Justificação

Desde sempre a arquitetura religiosa foi encarada pelo Homem como algo ao qual se devia dedicar uma atenção especial, e deste forma, procurou criar edifícios com características especiais, condizentes com a sua condição de sacralidade. “Construtores”, mestres de obra, arquitetos, artistas, artífices e mecenas desde sempre dedicaram um especial empenho na construção destes edifícios destinados à realização de rituais relacionados com as questões espirituais, inerentes, elas próprias, à condição Humana.

A morte é um evento comum a todos e por todos, este momento é especialmente assinalado, através dos mais diversos rituais...

Hoje em dia, a arquitetura religiosa tem que responder a uma nova forma de relação com o divino e com os rituais da morte. Existe a consciência de que o espaço sagrado está para além do espaço de reunião, onde se realizam os rituais religiosos, ou da monumentalidade do edifício, conseguida através da sua dimensão e, é isto que se pretende perceber com a realização deste trabalho.

Sabe-se que as religiões constituíram, muitas vezes, um motivo de discórdia e separação entre as pessoas e, com este trabalho, pretende-se, também, perceber quais os pontos em que as religiões do livro divergem, mas principalmente, pretende-se perceber quais os pontos em comum, que tornariam viável a realização de rituais de religiões diferentes, num mesmo espaço.

Metodologia

Para a realização deste trabalho, a pesquisa bibliográfica representa uma parte significativa de todo o estudo efetuado. Entendeu-se que esta pesquisa seria indispensável para compreender muitas das questões relativas ao desenvolvimento, tais como o conceito de arquitetura religiosa, da cremação e do seu quadro evolutivo ou as características dos rituais fúnebres em algumas religiões. Em todos os temas desenvolvidos, esta pesquisa foi relevante e por isso, serão, pontualmente, apresentados contributos de alguns autores.

O outro método utilizado, foi a análise de alguns edifícios religiosos contemporâneos, das suas plantas e cortes e da sua expressão formal e

espacial. Através de uma apreciação crítica, pretende-se expor alguns dos aspetos que caracterizam estes mesmos edifícios.

Estrutura

Este trabalho é composto por sete capítulos, ao longo dos quais serão tratados os seguintes temas:

No primeiro capítulo é feita uma introdução geral do trabalho, apresenta-se de forma sucinta quais os seus objetivos, a motivação para a realização do mesmo assim como a metodologia utilizada e a sua estrutura.

No segundo capítulo começa-se por estabelecer uma comparação entre o conceito de espiritualidade, de religião e de sacralidade e em seguida, apresenta-se o conceito de espaço espiritual segundo os arquitetos Le Corbusier e Louis Khan. É apresentada a evolução histórica e as características principais dos espaços de culto das três religiões do “livro”, seguindo-se uma análise de exemplo contemporâneo de uma igreja, de uma mesquita e de uma sinagoga.

No terceiro capítulo começa-se por fazer referência ao conceito de ritual de passagem e em seguida são apresentadas as características dos rituais fúnebres cristãos, islâmicos e judaicos.

No quarto capítulo é feita uma apresentação das características da cremação, da sua evolução histórica e da sua evolução em Portugal nos tempos recentes.

No quinto capítulo é feito o enquadramento territorial do lugar onde se pretende implantar o edifício proposto. É feito um estudo da sua história, do seu património físico e cultural, da sua evolução demográfica e das atividades económicas predominantes. É, também, feita uma análise do seu enquadramento urbano e das características do edificado circundante assim como das condicionantes físicas do lugar.

No sexto capítulo é apresentada a proposta na forma de projeto da casa mortuária e crematória de Vila-Chã; as suas características funcionais, formais e espaciais e a justificação das opções tomadas.

No sétimo capítulo efetua-se um balanço de todos os temas abordados e são apresentadas as conclusões do trabalho.

2-Arquitetura, espiritualidade e religião

Com o decorrer dos tempos, a espécie humana procurou formas de se ligar ao sagrado. Em alguns lugares como por exemplo nas grutas de Altamira, o Homem parece ter encontrado um espaço com características que considerou mais adequadas para estabelecer esta ligação com o “mundo espiritual”. Do espaço encontrado, o Homem passou ao espaço construído. Dito por outras palavras, o Homem passou a construir ele próprio os espaços destinados à realização de rituais relacionados com a espiritualidade ou que simplesmente induzissem a um estado de maior proximidade com o divino. Este capítulo tem como objetivo perceber em que sentido a arquitetura se pode tornar especialmente propensa à realização de atividades de foro espiritual. Da mesma forma, apresentam-se as características arquitetónicas dos edifícios religiosos cristãos, muçulmanos e judaicos. Contudo, e para que se pudesse avançar para as questões enunciadas, apresentam-se, numa primeira fase, as diferenças entre os conceitos de espiritualidade, religião e sacralidade.

Espiritualidade, religião e sacralidade

Pouco depois de se ter descoberto a trilha do homem no mais antigo dos acampamentos ou dos instrumentos de pedra lascada, encontra-se a prova de interesses que não tem correspondente animal; em particular, uma cerimoniosa preocupação pelos mortos, manifestada em seu sepultamento deliberado...

(Munford, 1961, p. 12)

Nesta passagem, Munford fala-nos do caráter dual do Homem e de que as provas desta característica podem ser encontradas em períodos remotos da história da nossa espécie.

À semelhança das outras espécies, o Homem tem uma condição física e biológica à qual deve atender... No entanto, e nisto parece diferenciar-se dos outros seres vivos, a espécie humana tem uma condição espiritual; questiona-se a respeito do que o rodeia, a respeito de si próprio e questiona-se a respeito da sua própria existência. Não se falou até aqui

de religiosidade de forma propositada e porque ainda que esta esteja ligada ao conceito de espiritualidade, esta terá surgido de forma consequente...

Vaillot (citado por Mendes, 2012, p. 29) “refere-se à espiritualidade como sendo a qualidade das forças que nos tornam ativos, ou que são o princípio essencial que na influência, não significando necessariamente religiosidade, mastambém incluía a componente psicológica. O espiritual é oposto ao biológico e ao mecânico, cuja lei pode modificar.”

No que diz respeito à religiosidade e mais concretamente ao conceito de religião, e apesar de existirem várias, segundo Coutinho (2012), todas tem como objetivo estabelecer a ligação do homem com algo superior ou transcendente. A religião apresenta-se como um sistema que comporta padrões de relações sociais formadas em instituições sociais e coletividades independentes, produzidos e reproduzidos com base em estruturas e regras próprias. Refere ainda Coutinho (2012) que “deste sistema participam crenças, práticas, símbolos, visões do mundo, valores, coletividades e experiências.”

Da mesma forma, apresenta-se necessário estabelecer uma distinção entre o que se refere ao religioso e o que se refere ao sagrado. Tal como aponta Cativo (2016) as realidades sagradas são aquelas que foram destinadas a servir a relação entre o imanente e o transcendente. As pessoas, objetos, edifícios ou lugares, incluindo a arquitetura, são sagradas quando foram consagrados a uma divindade...

Arquitetura e “espaço espiritual”

Como refere Munford, mais importante que a utilização para finalidades domésticas foi o papel que a caverna desempenhou na arte e no ritual. Embora não fossem habitadas certas grutas, como as de Lascaux e de Altamira, parecem ter sido centros espirituais de alguma espécie. (Munford, 1961, p.13)

Da mesma forma que o Homem tem uma condição espiritual, este, desde tempos remotos procurou arranjar forma de a expressar através das mais variadas formas.

De igual modo, desde esses primeiros tempos a procura por espaços, que devido ao seu caráter, melhor expressassem o seu entendimento do divino ou que de alguma forma potenciassem a sua relação com este...

Nos nossos dias, o conceito de espaço espiritual ou sagrado, está para lá da ideia de espaço de congregação, do espaço onde se realizam rituais religiosos. Como refere Cativo (2016), “a identidade do espaço sagrado e a experiência

espiritual estão estreitamente ligados à experiência espacial ainda que esta relação não tenha necessariamente que ser de caráter religioso.”

Na contemporaneidade, a relação entre espaço e experiência espiritual é abordada por vários arquitetos que apresentam distintas conclusões. Cativo refere que Le Corbusier: definiu o espaço religioso como sendo capaz de gerar uma experiência espiritual, designando-o como inefável. Um espaço inefável é aquele que tem uma qualidade tão poderosa que não pode ser descrito por palavras e isto acontece quando o trabalho atinge um máximo de intensidade, quando foi realizado com a maior qualidade de execução, quando atinge a perfeição... ...esta dimensão inefável é, então aquilo que vai além das necessidades e exigências funcionais e programáticas do espaço, que transcende as suas qualidades físicas. (Cativo, 2016, p.3)

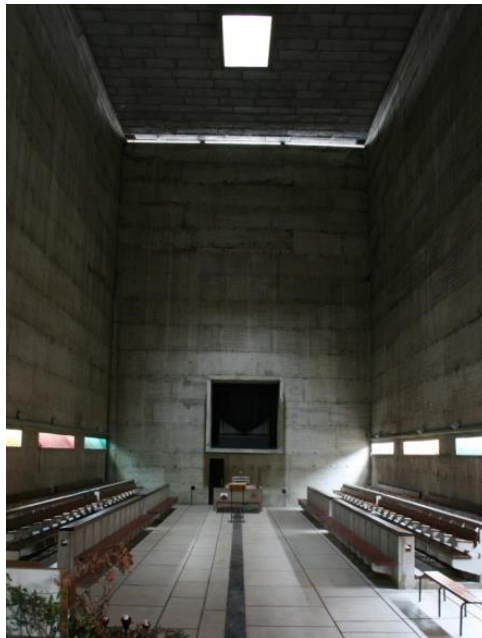


Imagem 1 - Interior da igreja do convento de La Tourette -LeCorbusier



Imagem 2 - Interior da igreja de "NotreDameduHaut" (Ronchamp) - LeCorbusier

Desta forma, Le Corbusier refere-se ao edifício religioso propriamente dito, no entanto, Louis Kahn fala de uma espiritualidade intrínseca ao próprio edifício, independentemente de este ter algum propósito religioso.

Segundo Cativo Louis Kahn: destaca o silêncio e a luz na arquitetura e, a partir destes elementos, introduz o conceito de alma do edifício – a dimensão que está para além das características físicas (a construção), mas que se baseia nelas. (...) O silêncio é imaterial e incomensurável e é definido pelo arquiteto como “o desejo de ser”. Por outro lado, a luz é considerada material e mensurável, por ser “a dadora da presença”, o elemento que dá forma ao espaço e “a medida de todas as coisas”. Para Kahn, a luz é um elemento crucial na conceção da arquitetura e principal responsável pela dimensão espiritual da experiência espacial. É através da manipulação da luz que a arquitetura comunica o silêncio (o seu espírito). (Cativo, 2016, p. 4)

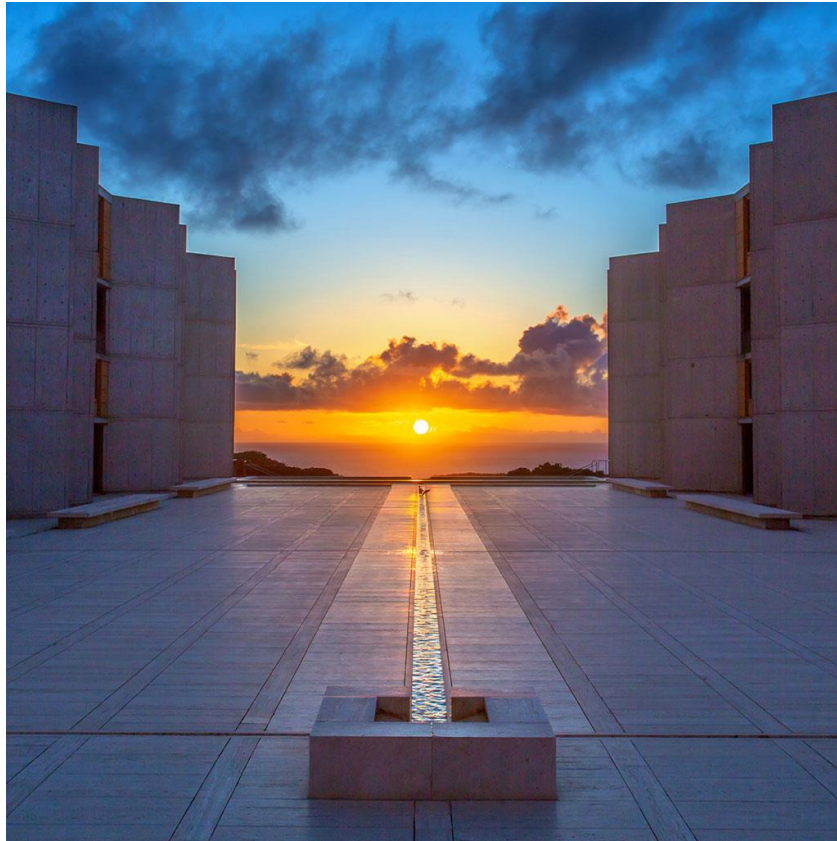


Imagem 3 - Salkinstitute - Louis Kahn



Imagem 5 - Interior da biblioteca de Exeter - Louis Kahn



Imagem 4 - Interior da "casa do parlamento nacional", Bangladesh - Louis Kahn

A igreja, a mesquita e a sinagoga

A igreja

Na religião cristã, o edifício destinado às práticas religiosas apresenta-se com diferentes características e dimensões, às quais corresponde normalmente uma designação específica: capela, igreja, basílica, catedral... Para simplificar, e como, regra geral, os edifícios cristãos se destinam a permitir a reunião (ou assembleia) dos fiéis, à qual os primeiros autores cristãos deram o nome de “ekklesia”, dir-se-ia que o edifício utilizado para as práticas de culto cristãs é a igreja.

O cristianismo tem uma história de dois mil anos e durante este período sofreu alterações no que diz respeito ao número de fiéis, no que diz respeito às questões teológicas e no que se refere às características dos edifícios destinados ao culto.

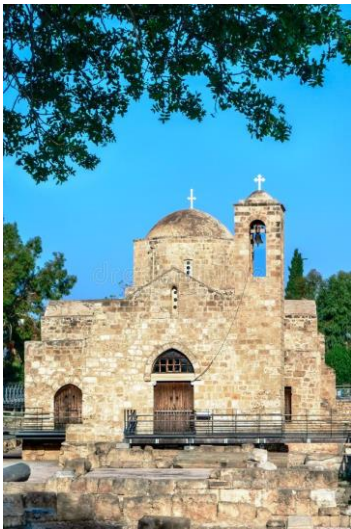


Imagem 6 - Igreja do século IV, Paphos, Chipre



Imagem 7 - Catedral do século XII, Sens, França



Imagem 8 - Igreja do século XX, Riola, Itália

Numa fase inicial, os cristãos começaram por reunir-se em casas particulares. Com o aumento do número de fiéis, o espaço doméstico tornou-se pequeno e houve necessidade de transferir o culto para espaços maiores e especificamente dedicados ao culto, dando preferência a edifícios onde houvessem estado apóstolos ou outros que tivessem tido algum tipo de relação à vida de Cristo.

Apesar da expansão que sofreu durante o período romano, numa primeira fase, o cristianismo foi marginalizado, e por este motivo, o seu culto voltou a ter um carácter doméstico ou foi transposto para lugares como as catacumbas. Com o fim da marginalização do cristianismo e principalmente com a sua adoção como religião oficial do império, o número de edifícios dedicados ao culto aumentou de forma considerável. Muitos destes espaços surgiram a partir da adaptação de antigos templos romanos ao passo que muitos outros que foram criados tendo como referência tipologias típicas do império, como são o caso da basílica.

A configuração da planta do espaço de culto cristão foi sofrendo alterações ao longo do tempo, desde a configuração de planta centrada à planta em forma de cruz até à planta circular que emergiu no renascimento.

A iconografia e os elementos decorativos sempre estiveram presentes, com maior ou menor expressão, nos edifícios de culto cristãos. Estátuas, azulejos, vitrais e pinturas normalmente relacionadas com entidades ou eventos sagrados, foram integrados no espaço de culto, que se mostrou por vezes mais austero e despojado ou muitas vezes intensamente decorado, atingindo a sua expressão máxima na exuberância do Barroco.

Também no que diz respeito à iluminação (natural) no espaço de culto, as coisas foram inconstantes ao longo do tempo. Com o intuito de provocar experiências sensoriais condizentes com os diferentes tipos de “relação com o divino” que se tentaram promover ao largo da história cristã, foi controlada a quantidade e a forma como a luz natural entrava e iluminava o interior do espaço...



Imagem 9 - Catedral românica, interior, século XII, Lisboa, Portugal



Imagem 10 - Catedral gótica, interior, Beauvais, França



Imagem 11 - Igreja, interior, século XX, Osaka, Japão

A mesma inconstância se verifica na forma como os fiéis se dispuseram, ao longo do tempo, no espaço de culto cristão. Para o que aqui importa, abordar-se-á o modelo que entrou em vigor após o Concílio Vaticano II e que ainda hoje vigora. Na sua essência, um edifício de culto cristão é composto por um espaço principal onde se encontram todos os fiéis, não fazendo distinção de género, e um altar ou presbitério onde se encontra o sacerdote, de costas para este mesmo e, de frente, portanto, para o corpo de fiéis. Outro elemento importante é o sino, que muitas vezes se encontra num elemento específico designado por torre sineira. O sino tem a função de anunciar o início e o fim das celebrações assim como o carácter da cerimónia em questão.

A mesquita

O edifício islâmico destinado ao culto religioso é a mesquita e, para além de lugar de oração é também local de reunião da população.

Nos tempos iniciais, as mesquitas eram construções simples, evoluindo ao longo do tempo até adquirirem as tipologias com que hoje se nos apresentam. Segundo a tradição, a primeira mesquita foi construída em Meca, na qual se encontra a “Caaba”, sendo designada pelos crentes por “Mesquita sagrada”. Existem, no entanto, alguns muçulmanos que acreditam que foi a mesquita de Quiba, em Medina, a primeira a ser construída.



Imagem 12 - A "grande mesquita", Meca, Arábia Saudita

As mesquitas, apresentavam uma planta quadrada ou retangular, pontuada por colunas que suportavam uma cúpula que representava o "universo aos olhos de deus". A orientação do muro que se encontra do lado oposto da entrada é ortogonal em relação a Meca e os crentes estão dispostos paralelamente e de frente para muro; virados assim para a cidade referida. O espaço de oração não é mobilado, não tem elementos figurativos nem qualquer tipo de decoração de forma a evitar que a atenção dos fiéis se desvie de Deus. Os pátios interiores, sempre presentes, continham fontes que possibilitavam um ritual de purificação simbólica que antecedia a entrada no espaço de oração. Pouco depois surgiram os minaretes que, apontando ao céu com a sua forma esbelta, de onde os fiéis são chamados para a oração.

O modo como homens e mulheres se organizam dentro do espaço de oração é distinto, com as mulheres posicionadas atrás dos homens. Segundo Forward (1994), no sul da Ásia a tradição faz que as mulheres devam rezar em casa e não na mesquita enquanto em algumas partes do mundo islâmico, as mulheres rezam nas mesquitas, se bem que separadas dos homens.

A sinagoga

Antes de iniciar este capítulo, importa referir que os judeus estabelecem uma distinção entre o espaço de oração comunitário designado por sinagoga, que aqui será abordado, e templo. “O Templo” é a expressão utilizada pelos judeus quando pretendem referir-se especificamente ao templo de Jerusalém que difere das sinagogas por ser um local onde se faziam os sacrifícios e as oferendas.

Na religião judaica, o edifício destinado às práticas religiosas é a sinagoga, no entanto, cabe referir que os judeus não têm necessariamente que realizar os serviços religiosos num lugar específico, uma vez que o importante é a reunião da congregação e não o lugar em si. Apesar disto, as sinagogas já existem desde um período bastante anterior à era cristã, tendo sido criadas como espaços comunitários de reunião.

A palavra sinagoga, normalmente a mais utilizada para fazer referência ao espaço religioso judaico, tem origem no termo grego *sinagogge* ou *sinagogue* que significa ato de juntar, de reunir, assembleia... Em hebraico a sinagoga é designada por *Beit Keneset* que significa “casa de assembleia” ou pelo termo *Beit tefila* que significa “casa de oração”.

A sinagoga pode ser utilizada para outros propositos para além da oração e do estudo dos textos sagrados, como por exemplo: reuniões comunitárias, eventos de carácter político ou ações de carácter educativo.

Tal como refere Leone:

...não existe uma tipologia arquitetónica que seja comum a todas as sinagogas e, tanto em termos formais como em termos espaciais a sua expressão varia de acordo com a localização geográfica e histórica e de acordo com o estilo arquitetónico predominante. (Leone, 2019, p.121)

No que diz respeito ao exterior, as sinagogas não apresentam um carácter homogéneo até porque muitas delas surgiram a partir da adaptação de edifícios pré-existentes. No interior, à semelhança do que acontece no exterior, também se verifica uma grande heterogeneidade, existindo, no entanto, elementos que são comuns a todas as sinagogas. Um desses elementos é a “arca sagrada” designada em hebraico por *Aron Hakodesh* e que os judeus sefarditas chamam de *Heikhal* e que significa “o palácio”. Segundo Leone (2019) “este elemento consiste num armário ou nicho onde estão contidos os rolos da Torá e está quase sempre orientado na direção de Israel, sendo neste sentido celebrada a *Amidá*, a

principal oração judaica. Assim, no caso português, durante as orações, os fiéis estão normalmente voltados para este”.

Por cima da Arca encontra-se sempre um elemento de iluminação, podendo este ser uma vela, uma candeia ou mesmo uma lâmpada elétrica, que se acende sempre que os rolos da Torá se encontram no seu interior.

Outro dos elementos sempre presente nas sinagogas é a plataforma ou mesa elevado, designado pelos judeus sefarditas por Tevá, sobre a qual é lida a Torá. A Tevá localiza-se normalmente no centro da sala de oração, orientada para a Arca, sendo normalmente ladeada por uma balaustrada.

No caso das sinagogas sefarditas, que são aquelas que existem na península Ibérica, os fiéis sentam-se em bancos ou cadeiras, dispostas em torno do perímetro da sala de orações, voltados para o centro da mesma e, por consequência, para a Tevá.

Durante as celebrações, homens e mulheres ocupam espaços distintos. Em muitas sinagogas existe uma balaustrada, grade ou biombo, que serve para dividir e definir o espaço que cada género deve ocupar. Em muitos casos existe um balcão superior destinado às mulheres.

Refere Leone (2019) que a decoração interna de uma sinagoga pode variar bastante. as sinagogas podem ser adornadas com obras artísticas de vários tipos, contudo, esculturas e representações humanas não são permitidas uma vez que são consideradas condizentes com a idolatria.



Imagem 13 - Interior da sinagoga de Madrid, Espanha

Arquitetura religiosa contemporânea – três casos de estudo

A igreja – Santa Maria do Marco de Canaveses

Autor: Álvaro Siza

Ano de conclusão: 1996

Localização: Fornos, Marco de Canaveses, Portugal

O Concelho do Marco de Canaveses situa-se, utilizando as palavras do site da mesma Câmara municipal, a noroeste de Portugal. O Concelho é ladeado pelos rios Douro e Tâmega e pelos Concelhos de Baião e de Amarante. E é neste município, relativamente periférico no contexto do país, que está edificada a Igreja de Santa Maria.

O lugar em si, apresenta um carácter semi-rural e uma “malha urbana” pré-existente composta por edifícios de qualidade inferior, isto a fazer fé nas palavras do autor que faz a seguinte referência:

A visita ao local pré-escolhido tinha-me perturbado profundamente: era um local difícilimo, com grandes diferenças de cota, sobranceiro a uma estrada com muito tráfego. Como se não bastasse, aquela zona estava marcada por edifícios de péssima qualidade. A construção deste centro paroquial é por isso e também a construção de um lugar, em substituição de uma escarpa muito acentuada.

(Siza, cit in Fernandes, 2015)

É em 1973 que a ideia de construir uma nova igreja para a paróquia de Santa Maria de Fornos, no concelho de Marco de Canaveses ganha forma. A iniciativa foi do pároco de então que promoveu ações para recolher donativos para a construção da igreja junto da população. Ainda que, tanto o pároco seguinte, como a população mantivessem a vontade de realizar a obra, esta não avançou durante quase duas décadas. Para a elaboração do projecto, havia sido escolhido o arquitecto Álvaro

Siza que em 1992 é galardoado com o premio Pritzker e, este facto parece ter sido decisivo para o arranque do projecto uma vez que em 27 de setembro do mesmo ano é lançada a primeira pedra da obra. Os trabalhos de construção, propriamente ditos, são iniciados em 1994 e concluídos em 1996 sendo o edifício inaugurado no dia 7 de julho do mesmo ano. Só mais tarde, com a construção do centro paroquial (2004-2006) foi terminado o conjunto...

A igreja de Santa Maria do Marco, apesar de fazer parte de um conjunto de edifícios pertencentes à paróquia de Fornos, apresenta-se como um corpo único e isolado que concentra a atenção em termos focais. Com esta atitude, o edifício ganha preponderância no contexto, tornando-se o elemento estruturador do tecido urbano e ao mesmo tempo, em termos simbólicos, volta a centralizar o papel da igreja. Tal como acontece em muitas igrejas em Portugal implantadas em terrenos com grande declive, foram criados muros de contenção e uma escadaria considerável. Desta forma é originada uma plataforma elevada que ao mesmo tempo que separa a igreja da estrada e do seu ruído, reforça o carácter espiritual do lugar, lembrando de certa forma a posição elevada da acrópole.

A preceder a igreja, encontra-se o adro, definido pelo corpo da igreja e do centro paroquial. O adro é pavimentado em paralelo de granito, ou não fosse a indústria do corte de pedra, um dos principais pilares económicos do concelho. O adro parece indicar a importância que o arquitecto atribui, por um lado, às atividades que a congregação possa realizar ao ar livre e, por outro, à existência de um espaço com “certa dignidade”, que preceda a entrada na própria igreja. A igreja propriamente dita, apresenta-se como um grande volume branco, destacado... A entrada é marcada por duas “falsas torres”; sendo uma delas, uma “torre sineira”, onde se encontra também uma porta lateral, para o uso do dia-a-dia, e a outra é uma “torre lanterna” que alberga o baptistério. Estes dois elementos canalizam a atenção para a enorme porta de entrada e ao mesmo tempo anunciam o carácter axial do edifício. Uma aparente simetria provocada pela volumetria da entrada, a axialidade e a altura do corpo conferem um ar monumental ao edifício, em certa medida clássico.



Imagem 14 - A igreja de Sta. Maria, vista aérea



Imagem 15 - Perspetiva da igreja



Imagem 16 - Perspetiva da zona de entrada da igreja



Imagem 17 - Perspetiva da igreja

No fundo esta conceção formal, vai ao encontro do que pretendia o arquitecto, “que a igreja parecesse uma igreja” (Siza, 2012) Neste sentido, a Igreja do Marco, afasta-se de muitos modelos que surgiram após o Concílio Vaticano segundo que como aponta Silva, podem facilmente ser confundidas com outro tipo de equipamentos urbanos, teatros, cinemas, ou no limite coma casas sem carácter no meio de um tecido urbano. No interior, o espaço é composto por uma só nave, afastando-se por isso, dos modelos “pré-conciliano” em que se verificava uma separação do corpo principal (onde estavam os fiéis) e o altar. Ainda que aproxime os fiéis do altar, o espaço está disposto de forma axial enfatizando o carácter cerimonial do percurso até ao altar; desta forma, também se distancia de muitos dos modelos que surgiram após o Concílio que apresentam muitas vezes uma disposição lateralizada ou em forma de leque que envolve o altar. Também o interior da Igreja do Marco se apresenta como algo mais do que a resposta a um programa litúrgico; o jogo entre a espacialidade e a luz aparece aqui como o elemento indutor a uma “relação com o transcendente” ...



Imagem 18 - Imagem do interior da igreja com o altar ao fundo



Imagem 19 - Perspetiva do interior da igreja com a porta de entrada ao fundo, o coro em cima à esquerda e o batistério em baixo à direita

As paredes brancas são interrompidas por fenestrações que permitem e controlam a entrada de luz no espaço que o vai preenchendo de forma diferente conforme a hora do dia. Assim, o aparente minimalismo do espaço é enriquecido pelos jogos e reflexos de luz reforçados pelos planos das paredes, ora lisos e verticais, ora curvos e oblíquos. A janela comprida que se encontra à esquerda da entrada e que contrapõe a verticalidade do espaço, é mais do que uma entrada de luz, é uma abertura por onde os “utilizadores” podem observar a paisagem, funcionando assim, como elemento contemplativo. Ao fundo, a rematar o altar encontram-se duas aberturas que permitem a passagem indirecta de luz, tornando-a assim, mais etérea, reforçando, mais uma vez o carácter espiritual do espaço...

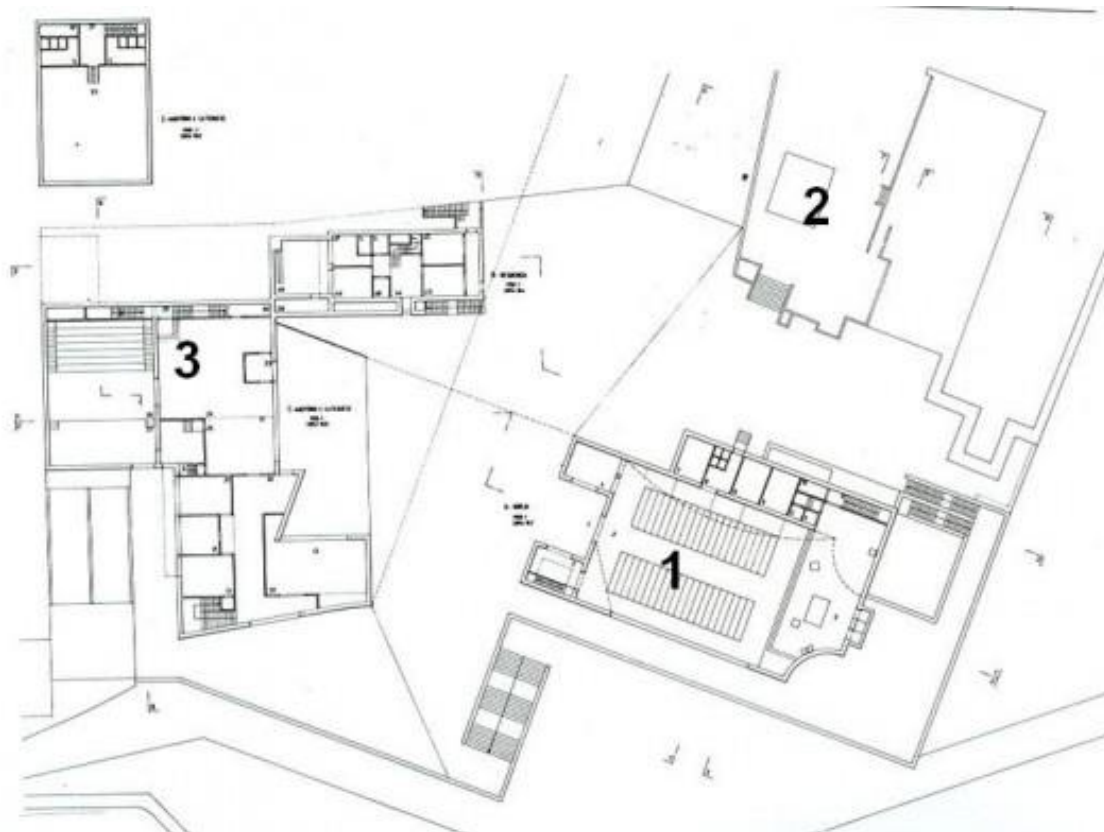


Ilustração 1 - Igreja de sta. Maria, implantação geral

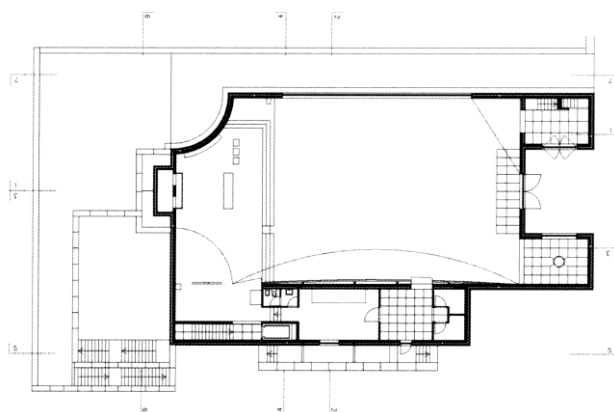


Ilustração 2 - Igreja de Sta. Maria - Planta do 1º piso

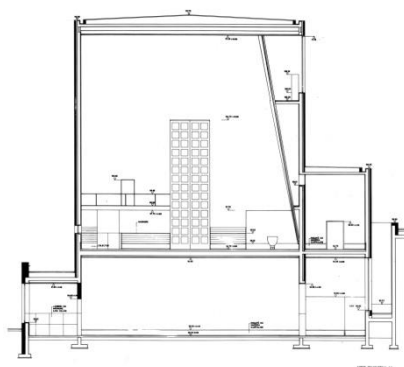


Ilustração 3 - Igreja de Sta. Maria - Corte

A mesquita – Bait Ur Rouf

Autor: Marina Tabassum

Ano de conclusão: 2012

Localização: Fayedabad, Dacca (Dhaka), Bangladesh

Dacca é a maior cidade do Bangladesh e também a sua capital. Situada na zona central do país, está disposta na margem norte do rio Buriganga e relativamente próxima do delta do rio Ganges, que desagua no golfo de Bengala.

A mesquita de BaitUr Rouf, está implantada no limite nordeste da cidade de Dacca, uma zona que, apresentando um carácter suburbano, conta como uma densidade populacional elevada e, ainda assim, em continuo crescimento.

Tudo teve início quando Sufia Khatun decidiu doar uma parte de um terreno seu para que fosse construída uma mesquita. A arquiteta escolhida para projetar a mesquita, Marina Thassun era também, neta da encomendadora da obra... Sufia Khatun acaba por falecer durante o processo de desenvolvimento dos trabalhos, sendo este continuado pela própria arquiteta, que agindo em nome da avó, tratou da angariação de fundos para a realização da obra, tornando-se ela própria a cliente.

A mesquita encontra-se sobre um plano elevado ou plinto, que tem como função impedir que entre água no edifício, quando ocorrem cheias; para além deste propósito funcional, este plinto transmite a ideia de estarmos perante um edifício que se destina à realização de “atividades especiais”, conferindo ao conjunto um carácter monumental, à semelhança do que acontece nos edifícios romanos. Este plano elevado, permite também a reunião e a realização de atividades ao ar livre, em torno da mesquita.

Dois aspetos saltam à vista quando olhamos o exterior do edifício, sendo o primeiro a ausência do minarete e o outro, é a cor avermelhada proporcionada pela utilização do tijolo de adobe, o único material visível na fachada. Este material é utilizado de várias formas, ora num panejamento contínuo, ora “rendilhado” originando gelsias; nota-se também a tonalidade irregular do tijolo que surge como resultado de serem feitos artesanalmente. Neste sentido, na artesanania do material utilizado e na forma como se apresenta o seu aparelho, transparece uma sensação de ancestralidade transmitindo, ao mesmo tempo, um carácter contemporâneo.



Imagem 20 - Vista aerea da mesquita Baiut Ur Rouf



Imagem 21 - Perspetiva da entrada da mesquita

Em cima do plinto apresentam-se as paredes exteriores da mesquita, definindo o seu perímetro através de um quadrado de 23m X 23m, com 7.60m de altura. Dentro deste quadrado encontra-se um cilindro, adossado às paredes norte e este.

No espaço que se encontra entre a parede circular (do cilindro) e as paredes perimetrais encontra-se dependências tais como: casas de banho, as antecâmaras que antecedem a entrada no espaço de oração e as escadas que permitem o acesso ao espaço onde futuramente se encontrará a biblioteca (atualmente utilizado por mulheres para fazerem as suas orações).

Dentro do cilindro encontra-se um quadrado mais pequeno (16.75m X 16.75m) com uma altura de 10.60m, que roda 13 graus em relação ao alinhamento do muro

perimetral. Este “quadrado” interior fica assim orientado para Meca e define o espaço de oração; ainda que o defina, este “quadrado” interior, apoiado por oito colunas, não limita o espaço de oração que se prolonga até ao muro circular.

Com exceção das portas de entrada no edifício e das portas das casas de banho, nenhuns outros vão tem uma porta, janela ou até mesmo um vidro que crie uma separação ou que interrompa a circulação do ar, da luz, ou porventura da chuva, sendo que existem um sem número de gelsias conseguidas com o próprio tijolo com que são feitas as paredes.



Imagem 22 - Imagem do interior da mesquita



Imagem 24 - Perspetiva da parede circular e do espaço de oração



Imagem 23 - Perspetiva do espaço de oração

Em termos de materiais, são três aqueles apresentados no edifício: o adobe, o bloco de cimento e o betão armado, utilizado sob a forma de vigas, e que permite os grandes vãos que sustentam a cobertura do espaço de oração. No seu conjunto, fica presente um carácter artesanal, tanto ao nível dos materiais utilizados como na forma que são aplicados e nos sistemas construtivos empregues na construção do edifício.

Pode dizer-se que a luz natural é um outro material utilizado; a forma como entra e como preenche o espaço, quer através das gelsias, quer através das caixas de luz ou através das pequenas aberturas, que se encontram na cobertura do espaço de oração, confere ao espaço uma expressão que, de alguma forma, nos remete para um ambiente do domínio da espiritualidade.



Ilustração 4 - Mesquita Bait Ur Rouf, implantação geral

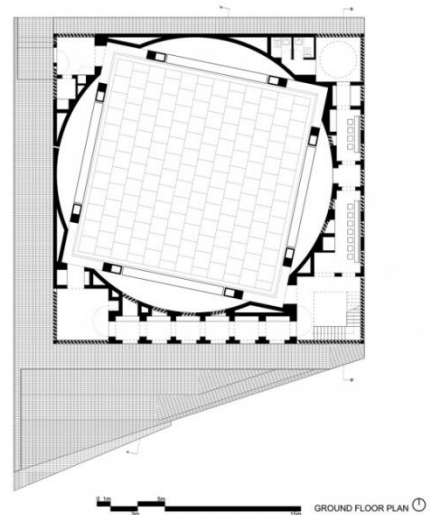


Ilustração 5 - Planta do rés-do-chão

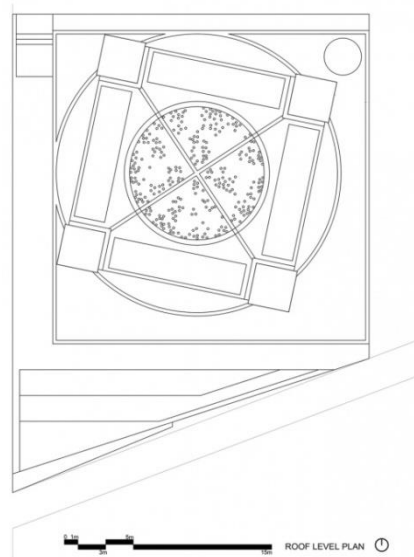


Ilustração 6 - Planta da cobertura

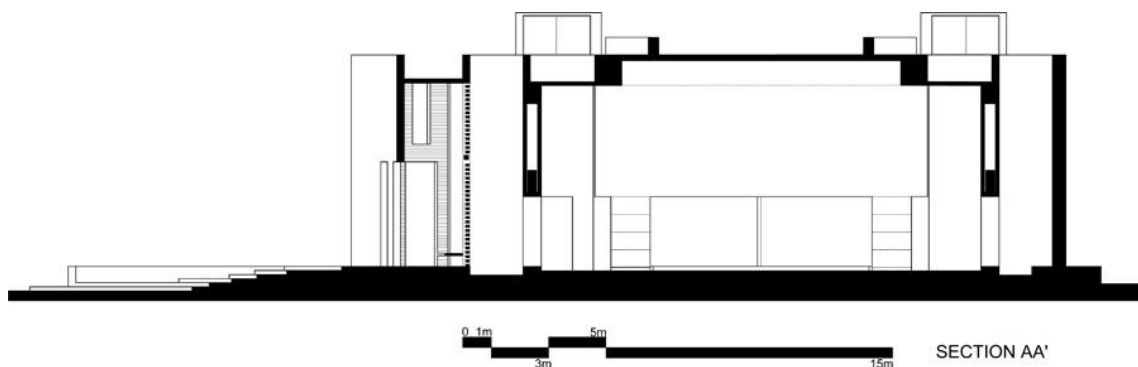


Ilustração 7 - Mesquita Bait Ur Rouf, corte

A sinagoga – OhelJaKob

Autores: Wolfgang Lorch e Wandel-Hoefer

Ano de conclusão: 2006

Localização: Sankt Jacobs Platz, Munique, Alemanha

A sinagoga Ohel Jakob está situada na cidade de Munique, na Alemanha... Munique, capital da Baviera, encontra-se nas margens do rio Isar e é no centro desta cidade que se encontra a sinagoga em questão.

A comunidade judaica de Munique conta com aproximadamente 9500 membros (Bavaria.by) e, a sinagoga foi construída para funcionar como espaço para as atividades desta comunidade, mas também, para servir como memorial em homenagem aos 4587 judeus desta cidade, assassinados pelos Nazis; os mesmos Nazis foram responsáveis pela destruição, em 1938, da antiga sinagoga aí existente.

A obra foi inaugurada em 2006, tendo sido construída segundo os planos dos arquitetos Wolfgang Lorch e Wandel-Hoefer. A designação Ohel Jakob, significa tenda de Jacob, em alusão às tendas que tantas vezes teriam sido usadas pelos judeus como lugar de oração durante os períodos de errância. Tendo sido, este termo, um dos princípios utilizados pelos arquitetos para desenvolver o projeto. A sinagoga apresenta-se sob a forma de dois volumes, um exterior, mais baixo e o outro, mais alto, dentro do primeiro. O volume exterior, com um aspeto mais robusto e enraizado, apresenta-se sob a forma de um muro, em travertino, que segundo os arquitetos, pretende fazer uma alusão ao muro das lamentações, existente em Jerusalém. O volume interior apresenta-se com um ar bastante etéreo; e é composto por uma pele interior em vidro, envolvida por uma treliça em bronze complementada por uma rede e cobre o espaço de oração.

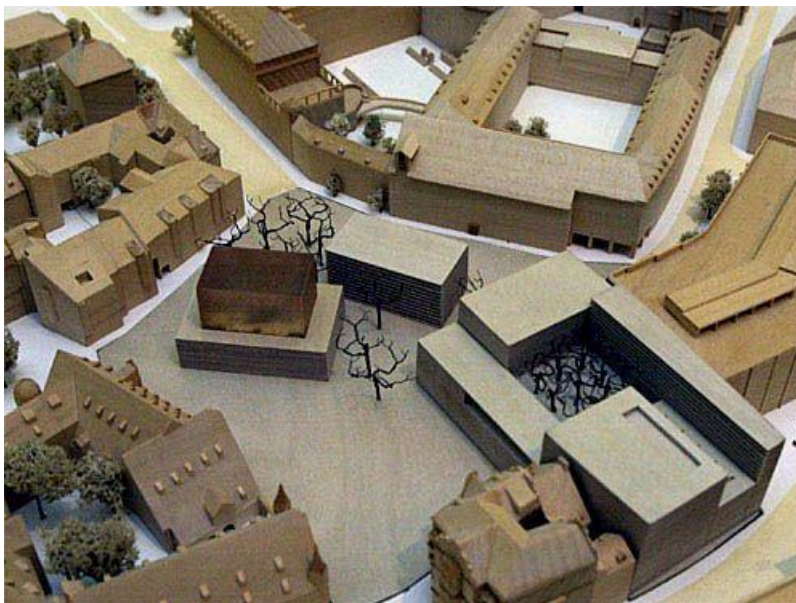


Imagem 25 - Imagem da maquete



Imagem 26 - Perspetiva do exterior do edifício

O edifício é composto por dois pisos: uma cave destinada à realização de atividades diversas e o piso térreo, onde se encontra a entrada, o acesso à cave e o acesso às plateias onde os membros do sexo feminino assistem às celebrações.



Imagem 27 - Imagem do interior da sinagoga



Imagem 28 - A luz no interior da sinagoga

A planta da sinagoga tem uma configuração retangular, marcada pela simetria que reforça o caráter axial do espaço, rematado pelo nicho da “Arca”. O espaço de oração, que tem o estrado da Tevá ao centro, é composto por quatro zonas distintas: um espaço central destinado aos homens, duas plateias laterais destinadas às mulheres e um pequeno espaço que precede o nicho da Arca.

No que diz respeito à luz natural, esta entra uniformemente pelo envidraçado da cobertura, sendo filtrada pela treliça e pela rede que se encontra no exterior, a envolver o panejamento de vidro.

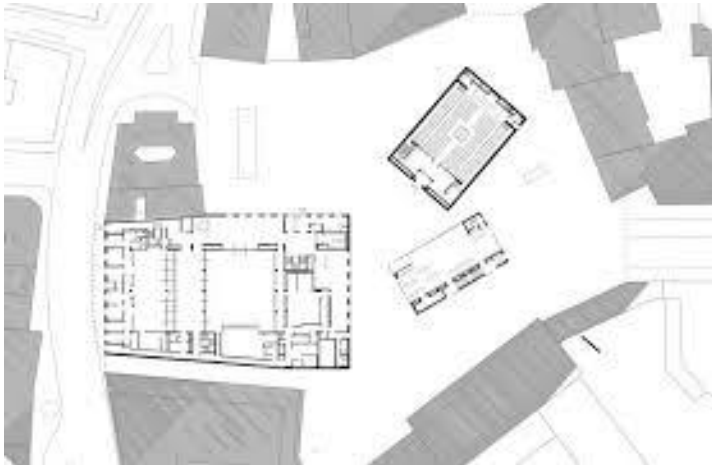


Ilustração 8 - Sinagoga OhelJakob, implantação geral

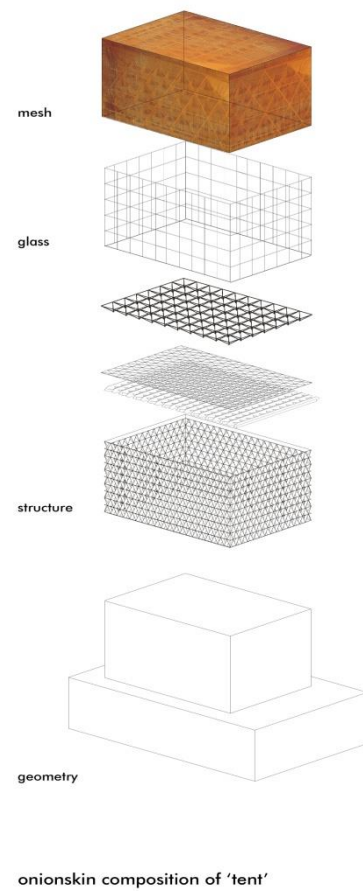


Ilustração 9 - Diagrama do edifício

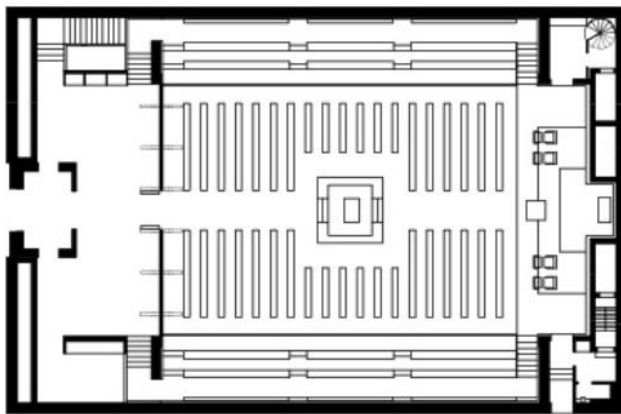


Ilustração 10 - Planta da sinagoga

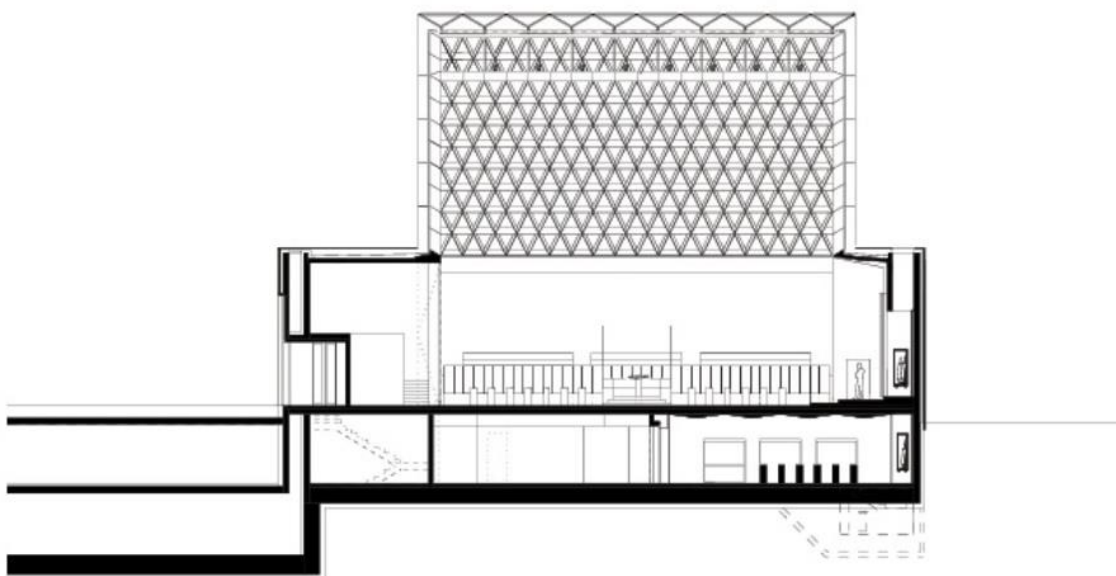


Ilustração 11 - Sinagoga OhelJakob, corte

3-Rituais de passagem

De acordo como o que refere Davies:

A noção de ritos de passagem começou por ser um termo técnico usado no início do século XX por aqueles que se dedicavam ao estudo da antropologia social. Descrevia o processo ritual a que o indivíduo se sujeitava ao passar de um estatuto social para outro como por exemplo, a entrada no mundo adulto ou a passagem do estado de mulher casada ao de mãe. (Davies, 1994, p.16)

O Homem é um ser biológico e a sua existência é composta por várias fazes, desde que é concebido e nasce, que cresce e se reproduz, até ao momento em que morre e abandona o mundo dos vivos.

Da mesma forma, o Homem é um ser social, atribuindo a cada momento da sua existência um valor intrínseco manifestado através de várias celebrações comunitárias. Desta forma, o Homem desenvolveu uma série de ideias, práticas e rituais, destinados a marcar as mudanças de estatuto social experimentadas pelos membros de um determinado grupo social ao longo da sua vida; sendo que em muitos destes grupos, os rituais de passagem são explicados pela religião.

“Os primeiros rituais de passagem terão sido, porventura, desenvolvidos para assinalar o momento da morte” (Munford, 1961, p.12) e ainda hoje é um ato sempre assinalado ao qual se atribui especial importância. Normalmente, estes rituais, destinados a “celebrar” a morte, são realizados dentro do âmbito religioso, no entanto e com a crescente secularização, muitos são desenvolvidos sem qualquer tipo de relação com uma estrutura religiosa. Em relação a estes últimos, não foi encontrado nenhum estudo que sistematizasse a sua prática, sendo que um dos motivos será devido à característica que mais salta à vista nos rituais de passagem laicos que é serem extremamente personalizados. Outra coisa que salta à vista na realização de cerimónias fúnebres “laicas” é que também aqui é procurado um espaço com características especiais e que transmitam “um sentimento de espiritualidade.

Depois de apresentado este preâmbulo que serve de introdução a este capítulo, em seguida serão abordados os rituais de passagem fúnebre das três religiões do livro.

Rituais fúnebres cristãos

A forma como os cristãos realizam os rituais fúnebres sofreu alterações ao longo do tempo e como aponta Davies: À medida que o século XX avançava, foram muitos os países em que se verificaram alterações na forma como os funerais são levados a cabo, alterações essas que continuam em curso. Logo, qualquer descrição dos rituais funerários no cristianismo tem de ter em conta esta característica da impermanência. (Davies, 1994, p.72)

Desde os primeiros tempos que o cristianismo estabeleceu uma relação entre a morte e o funeral dos crentes com a morte e a ressurreição de Cristo. Na tradição do catolicismo, este derradeiro ritual de passagem implica a confissão dos pecados e a absolvição dos mesmos, a unção com óleo e o ato de comungar, ministrada por um sacerdote. Por trás deste processo está implícito o princípio de que o corpo tem que ser preparado para a viagem que levará o defunto até à presença de Deus.

Uma vez verificada a morte, inicia-se o processo de preparação do corpo para o enterro. O corpo do defunto é limpo, vestido e colocado no caixão e nesse momento, normalmente, é celebrado um pequeno serviço religioso que tem como finalidade assinalar o facto de que o defunto abandonou o mundo dos vivos. Este serviço religioso pode ser realizado na casa do defunto ou de familiares, numa igreja ou num tanatório onde em seguida se realiza o ritual da velação. Com a velação efectua-se uma vigília do corpo, acompanhada pela realização de orações diversas... No dia do funeral é celebrada uma missa em que está presente a família do falecido, ladeando o corpo, amigos da família e do defunto e outros membros da comunidade. Terminada a missa, o corpo segue para o cemitério ou para um crematório, onde é realizada uma pequena cerimónia final e a família se despede do defunto antes do enterro ou da cremação.

Sete dias depois é celebrado um ritual na presença de familiares e amigos, que tem o nome de missa de 7º dia, concluindo assim os ritos exequiais. Ainda assim, é comum a família do falecido fazer celebrar anualmente uma missa de homenagem ao ente falecido.

Rituais fúnebres muçulmanos

“Os muçulmanos acreditam na vida para além da morte, na ressurreição do corpo e no dia do juízo final” (Bennett, 1994) e realizam rituais de passagem para assinalar em que os crentes deixam este mundo. Estas práticas variam de acordo com a região do globo e não tem um caráter obrigatório. São acontecimentos do âmbito dos valores morais e variaram ao longo do tempo, ainda assim, e apesar de não serem obrigatórios, estes rituais são altamente recomendáveis.

Tradicionalmente, os muçulmanos são enterrados no próprio dia do óbito, preferencialmente antes do por do sol. Ainda assim, isto dificilmente acontece desta forma em muitos países, por existirem, normalmente uma série de formalidades legais a cumprir, como são exemplo as certidões de óbito...

Logo a seguir à morte, amigos e familiares do mesmo sexo do defunto, despem e lavam o cadáver. O primeiro banho serve para retirar as impurezas, o segundo é canforado, com ervas e o terceiro é efetuado apenas com água pura. Trata-se de um ritual que visa a purificação do corpo do defunto e é efetuado, normalmente, três vezes, ainda que possa variar de acordo com as tradições locais. Terminado este banho ritual, são tapados os orifícios do defunto, sendo em seguida coberto com um sudário e perfumado. “Quando colocado no catre, o corpo do defunto deve estar apoiado sobre o lado direito de forma a que o rosto fique voltado para Meca. (Bennet, 1994) Em seguida o corpo é transportado até à mesquita ou até ao átrio da mesquita, dependendo dos costumes de cada região. Aqui, os familiares rodeiam o defunto e, na presença de amigos, são proferidas diversas orações. Segue-se o percurso até ao cemitério que deve ser preferencialmente efetuado a pé e, considera-se apropriado que todos (familiares e amigos) acompanhem o defunto até à sepultura e até ser baixado à terra, sendo proferidas orações durante todo este processo.

Durante todo o período, que vai desde o falecimento até ao enterro, a postura de todos deve ser comedida, sendo altamente reprováveis choros e lamentações excessivas. Isto deve-se ao facto de os muçulmanos acreditarem que a vida e a morte estão nas mãos de Deus e por isso, devem aceitar-se como obra do Criador.

Os rituais fúnebres terminam quarenta dias após o dia da morte, momento em que familiares e amigos se reúnem para lembrar o defunto, fazer orações e ler excertos do Corão.

Rituais fúnebres judaicos

“O judaísmo pouco nos diz sobre a morte e o além” (Unterman, 1994), no entanto, e, como não podia deixar de ser, tem os seus próprios para marcar esta passagem.

Antes de morrer, sendo que nem sempre isto é possível por motivos óbvios, as pessoas que professam o judaísmo, devem confessar os seus pecados com o intuito de reconhecer as suas falhas perante Deus.

A morte é declarada quando a pessoa deixa de respirar ainda que alguns judeus menos ortodoxos considerem declarar o falecimento quando a pessoa apresenta morte cerebral. Uma vez declarado o óbito, é lavado o corpo e envolto num sudário e colocado no caixão por um grupo de voluntários especialmente destacados para o efeito, sendo que durante todo este processo são proferidas preces em que é pedido perdão em nome do falecido.

Segundo Unterman (1994), “um pouco de terra proveniente de Israel é posta no catre juntamente com o morto, isto para que, pelo menos no plano simbólico, todos os judeus possam ser enterrados na Terra Santa”. Em seguida, o defunto é encaminhado para um espaço consagrado para serem realizadas as cerimónias fúnebres.

No judaísmo, os mortos devem ser enterrados com a maior brevidade possível, de preferência no próprio dia do óbito, no entanto, hoje em dia isso torna-se difícil devido às formalidades legais que cabe cumprir. Antes de se proceder ao enterro ou, em alguns casos, à cremação (Unterman, 1994), cada um dos presentes rasga uma peça de roupa e professa uma oração. Baixado o caixão à cova, é atirado um punhado de terra para a campa, primeiro pelos familiares e depois pelos restantes presentes.

Terminado o funeral, inicia-se o luto; a família do defunto regressa a casa onde realiza uma refeição ritual. Na semana que se segue ao funeral, a família do falecido fecha-se em casa, usa roupas rasgadas, são tapados todos os espelhos e os varões não fazem a barba. Acendem-se velas e realizam-se

serviços litúrgicos em homenagem do defunto, na presença de outros membros da comunidade, que aí ocorrem com o intuito de confortar os enlutados. Após esta primeira semana, o luto é aliviado, mantendo-se, no entanto, até se completar um mês sobre a morte do familiar. Neste período, e apesar de voltarem à vida normal, os familiares evitam eventos festivos ou locais onde é tocada música. Findo o primeiro mês, só os descendentes dão continuidade ao luto que se prolonga por um período de onze meses, sendo que uma série de orações é proferida pelos descendentes masculinos até se perfazer um ano sobre a morte da pessoa. Terminado este período, é realizado na sinagoga um serviço em memória do falecido.

4-Cremação e sua evolução no mundo e Portugal

Antes de se perceber a evolução e história da cremação temos de perceber exatamente em que consiste e o que é este processo.

Este processo milenar é uma forma de redução dos cadáveres a cinzas, através da queima do mesmo. Ela é uma alternativa ao enterro do corpo e é feita através de fornos criados para esse fim (imagem 30 e 31). Após a cremação (redução do corpo a cinzas) as cinzas são guardadas em recipientes próprios para o efeito, ou seja, em Urnas (imagem 29).

Só após 24 horas de ser declarado o óbito da pessoa, em que o corpo é preservado numa câmara fria (imagem 32), é que poderá ser realizado o processo de cremação. Este consiste em levar o corpo a temperaturas de 1000° C dentro de fornos próprios. Durante a queima de todo o corpo humano, este passa por duas câmaras dentro de forno, "(...) sendo que na primeira o corpo é cremado e, na segunda, os gases resultantes são filtrados e processados, garantindo que o meio ambiente não seja prejudicado. (...)” (Grupo Zelo, 2019). Tudo que constituiu a parte da carne, ossos e cabelos irá evaporar-se na totalidade e apenas as partículas inorgânicas é que resistirão ao calor, e são essas que irão formar as cinzas que posteriormente serão guardadas na Urna, tal como explica o médico legista Carlos Coelho, do Instituto Médico Legal de São Paulo, citado por Super Interessante Brasil (2021), “No corpo humano, não existe nenhuma célula que tolere uma temperatura maior que 1 000 °C. Um calor como esse é suficiente para derreter até metais”. Assim sendo, as cinzas de um corpo adulto humano ficam apenas a pesar 1 a 2 kg.



Imagem 29 - Exemplo de Urna pra as cinzas.
Fonte:
shutterstock.com



Imagem 30 - Forno crematório moderno.
Fonte: shutterstock.com



Imagem 31 - Forno crematório mais antigo.
Fonte: shutterstock.com



Imagem 32 - Câmara fria, onde são conservados os corpos até que seja o momento da cremação. Fonte: Juarez Coimbra, Como Funciona o Acondicionamento de Cadáveres?

Cremação no Mundo

Apesar de poder parecer um processo recente e moderno, é um processo bem antigo, muito antes de Cristo. Antigamente, todas as pessoas eram cremadas após a sua morte, pois era considerado um ato nobre para com os corpos/pessoas que em vida tinham sido nobres e corretos. E em contrapartida, o enterro dos corpos era para pessoas que não mereciam ser considerados nobres, como era o caso de criminosos, assassinos, suicidas, etc. Para além deles, também eram enterradas todas as crianças que faleciam até à idade de começar a ter dentes. O processo foi começado a ser usado pelos gregos e pouco depois pelos romanos, espalhando-se pelo mundo e passando a ser o hábito comum após a morte de alguém. Mas, em contrapartida e tal como nos descreve Mariana Madrinha, no artigo “Ritos Funerários. Há nove mil anos já havia cremações.”, do *Jornal i* (2020), há quem defenda que poderia ser escolhido pelo falecido ou família a forma de funeral, por cremação ou enterro. Uma descoberta arqueológica de 2014 veio provar que os antigos gregos e romanos já cremavam os seus corpos por livre escolha. “(...) Num antigo cemitério em Ostia Antica, perto de Roma (...)” existia um certo livre-arbítrio no que toca à escolha do destino do seu corpo após a morte, como afirmou a Paola Germoni, diretora do complexo arqueológico, em 2014, citada pela AFP.

Mas apesar de ser hábito naquela época, com o aparecimento e crescimento da religião católica a cremação deixou de ser usada, pois a Igreja Católica não permitia que os seus fiéis fossem cremados por ligação ao surgimento da religião. Quando a religião Católica começou a surgir os seus defensores eram queimados por a apoiar e as suas cinzas dispersas, para que não fossem venerados de nenhuma forma. Assim sendo, a cremação caiu em desuso e passou a ser o enterro a forma correta de dar termino ao corpo após a morte (Brenda Orvalho de Oliveira Xisto, 2012). Durante muitos anos a cremação foi esquecida e não era opção.

Com o passar dos anos, começou a existir doenças epidémicas que contagiavam a população com muita facilidade. Como forma de controlar o contágio e também o número absurdo de mortos, nos séculos XVI e XVII alguns médicos franceses e ingleses começaram a pôr em questão a cremação dos corpos, em detrimento do enterro. No entanto, não passou de apenas ser falado, terminando o assunto ainda no século XVII (Brenda Orvalho de Oliveira Xisto, 2012).

No século XVIII a ideia da cremação dos corpos volta a ganhar força, pois as doenças epidémicas continuavam e a decomposição dos corpos enterrados deixava a população com receio que a terra, ar e água fossem contaminados e consequentemente os alimentos que eram consumidos, passando a contaminar as pessoas que os comiam. Para além disso, passaram a achar uma possível solução para controlar a falta de espaço que tinham para continuar a enterrar os corpos. Mas novamente não passa apenas de ser falada, apesar de ter ganho um pouco mais de força. Para além das doenças epidémicas, decorreu no século XIX as guerras entre Austrália e Itália e França e Reino da Prússia, levando a imensas mortes, tantas que não existia local para colocar os corpos. Mas mesmo assim, não foi razão para tornar legal a cremação. Mas pelos menos até que fosse legalizada, foi permitida a cremação em casos muito excecionais de grandes mortes e com a aprovação da Igreja Católica.(Xisto, 2012).

Nas décadas de 1880 e 1890 é finalmente legalizada a cremação na Europa. Surge em 1880 a primeira sociedade sobre o assunto, o primeiro crematório francês e a 1ª cremação oficial em abril de 1889.(Xisto, 2012)

Cremação em Portugal

Após a legalização passaram a existir debates, textos escritos e muito mais sobre o assunto por toda a Europa. Mas, mesmo assim, a adesão à cremação em Portugal foi muito fraca e só oficialmente legalizada em Portugal após a revolução de 5 de outubro de 1910, mais precisamente em 1911. Mas antes de ser legalizada decorreram, tal como na Europa, muitos debates, estudos, textos em jornais e revistas sobre o assunto. O primeiro texto escrito pertencia a Francisco Borja Pedro Maria de Sousa Holstein, que tinha apenas 18 anos e era filho do 1º duque de Palmela. No seu texto ele fala da importância da falta de espaço para enterrar os corpos e a falta de resposta por parte de Portugal ao assunto, e ainda que as cinzas podiam ser entregues às famílias, tal como vemos no texto citado por Brenda de Orvalho de Oliveira Xisto, 2012, p. 13:

“(…), defendia a vantagem da utilização de «purificadores de carnes», que reduziam os cadáveres a cinzas, num país onde os cemitérios municipais existiam ainda em número insuficiente para dar resposta à mortalidade, e também onde se continuava a sepultar dentro das igrejas. Afirmava ser esta

nova prática compatível com as cerimónias do funeral, com a crença religiosa e com o culto dos mortos, sendo este último incentivado pela possibilidade da entrega das cinzas à família, que poderia guardá-las em casa (evitando as deslocações aos cemitérios, afastados das áreas residenciais)”

Apesar de finalmente ter sido legalizada em Portugal, a cremação teve tão pouca adesão que em 1936 o 1º e único crematório (construído e concluído em 1925) é encerrado por falta de procura, dificuldade financeira para manter e pela tecnologia que já era obsoleta.

As poucas cremações que decorreram entre 1925 e 1936 foram maioritariamente de cidadãos estrangeiros e foram apenas 22 realizadas em 11 anos. Isto levou ao desuso da cremação por parte da população portuguesa. (Brenda Orvalho de Oliveira Xisto, 2012).

As cremações que fossem realizadas exigiam ser mediante o **Código do Registo Civil de 20 de fevereiro de 1911**:

"(...) **CAPITULO VIII**

Dos registos de óbito

(...) Art. 264.º *É permitida a cremação dos cadáveres, mas nenhum aparelhocreatorio poderá começar a funcionar sem autorização do governador civil, concedida depois de consultado o conselho superior de hygiene.*

Art. 265.º *A incineração só pode ser feita nos cemiterios providos de aparelhocreatorio e mediante autorização do conservador ou official do registo civil mais proximo, que a concederá se lhe forem apresentados os seguintes documentos:*

1.º *Requerimento do parente de maior idade mais chegado, preferindo a viuva aos descendentes, estes aos ascendentes e, na falta de todos, o transversal mais proximo, ou ainda qualquer entidade estranha, quando exista declaração escrita do fallecido;*

2.º *Certidão do medico que tratou ou observou o fallecido, demonstrativa de que a morte foi o resultado de uma causa natural;*

3.º Verificação da causa da morte por um delegado ou sub-delegado de saúde, que também informará sobre qualquer inconveniente que julgue haver na incineração;

4.º Em caso de provir o cadáver de outra circunscrição, documento comprovativo da autorização para o transporte ou trasladação.

Art. 266.º Tendo a morte sido subita, a incineração só poderá ser autorizada passados dois annos da data da inhumação, e, em caso de morte violenta, só depois da autopsia, de cujas conclusões não haja recurso, e com parecer favoravel do respectivo delegado do Procurador da Republica.

Art. 267.º A incineração será feita sob a vigilancia do funcionario para isso designado pela corporação publica, proprietaria ou administradora do cemiterio, e as cinzas serão depositadas numa urna, em local a isso destinado constituindo sepultura particular ou de família, ou em deposito geral estabelecido pela mesma corporação.

Art. 268.º A urna e as cinzas funerarias não podem ser retiradas nem deslocadas sem autorização especial do funcionario do registo civil, ouvida a corporação proprietaria ou administradora competente. (...)”

Em 1936 com o encerramento do único local de crematório em Portugal, como referido anteriormente, podemos assumir que surge aqui o início de uma nova era da cremação em Portugal. Apesar de encerrar não foi um encerramento declarado, pois não foram encontradas provas. (Brenda Orvalho de Oliveira Xisto, 2012).

A Igreja Católica continuava a dizer que rejeitava a prática da cremação.

A referência à cremação no *Código do Registo Civil* foi modificada em 1958, passando a indicar que a cremação dependia de um documento escrito pelo falecido, onde indicasse que queria ser cremado:

“Código do Registo Civil de 22 de Novembro de 1958

(...)

Título II “Dos actos de registo”

(...)

Capítulo III "Dos actos de registo em especial e dos factos a ele sujeitos"

(...)

Secção VI "Do óbito"

(...)

Subsecção VI "Da cremação e da trasladação do cadáver"

(...)

Artigo 244.º

(Condições em que a incineração é permitida)

(...)

2. Para que possa ser deferido, o requerimento necessita ainda de ser instruído com os seguintes documentos:

- a) Declaração escrita deixada pelo falecido, na qual manifeste expressamente a vontade de vir a ser incinerado;*
- b) Atestado médico comprovativo de que a morte resultou de causa natural, confirmado pela autoridade sanitária competente, à qual incumbe informar sobre a inexistência, no caso concreto, de qualquer inconveniente na incineração;*
- c) No caso de as cinzas deverem ser trasladadas para outra circunscrição, o documento comprovativo da autorização necessária para a trasladação.*

(...)"

A família só conseguiria cremação com a apresentação desse documento. No entanto, se a família quisesse podia não cumprir a vontade do falecido, mesmo existindo esse documento. Após esta modificação, houve outras (não tão importantes) nos anos de 1967, 1978 e em 1982.

Mais tarde em 1963 no decorrer do Concílio Vaticano II o papa Paulo VI leu e aprovou a Instrução, para que fosse aprovada a cremação condicional pela Igreja Católica. Ou seja, a Igreja Católica não defendia a cremação, mas não era contra ela se fosse aplicada em casos de sobrelotação de cemitérios.

Esta continuava contra a cremação devido à forma como ela foi apoiada, com intuito de fazer desacreditar a religião. Mas apesar de aceitar, tentava desencorajar as pessoas a fazê-lo, esclarecendo os fiéis

e tentando perceber os motivos das suas escolhas. Faziam-no para garantir que os rituais cristãos eram preservados, percebendo assim se as escolhas das pessoas advinham de uma descrença nos dogmas da religião e para garantir que era a sua última opção. Em suma, a Igreja passou a tolerar a cremação. Ainda à poucos anos existiam pessoas que acreditavam que a cremação induzia a indiferença para com a religião. Eles acreditavam, por exemplo, que despejar as cinzas no mar podiam ser atos de não fiéis à religião cristã e queriam evitar ao máximo que esses atos acontecessem. (Brenda Orvalho de Oliveira Xisto, 2012).

Surge agora uma nova era da cremação entre 1985 e 2011. Com o aumento das mortes e não haver espaço em cemitérios para inumação, a autarquia lisboeta sentiu-se obrigada a novamente ativar o equipamento crematório em setembro de 1985 como indicado no artigo “Cremações Duplicaram”, do Correio da Manhã do dia 10 de fevereiro de 2008. Nessa reativação existiu uma melhoria da imagem do local, para permitir que um maior número de pessoas se despedisse do falecido e pudesse assistir a todo o processo da cremação, permitindo cerimónias religiosas. O forno foi renovado e foi colocado um funcionário, exclusivamente, responsável pelo crematório. Desde esse ano que a cremação passou a ser a melhor solução para a sobrelotação dos cemitérios porque para além de ocupar muito menos espaço, tem também um custo mais reduzido do que um funeral de enterro. A partir dessa reativação em 1985 continuava a haver mais cremações de cidadãos estrangeiros do que de portugueses. Mas com o passar do tempo e a partir do ano 1988 isso inverteu-se e passou a ser maior o número de cremações de cidadãos portugueses do que de cidadãos estrangeiros, mantendo sempre assim. Só em 1997 é que se sentiu um verdadeiro aumento de cremações e uma maior adesão à mesma. Com esse grande aumento houve a inauguração de um segundo crematório em Portugal em 2002. (Brenda Orvalho de Oliveira Xisto, 2012).

Mais recentemente, em 2017 o artigo “O negócio da morte” de 26 de fevereiro de 2017 do jornalista Nelson Marques no EXPRESSO, indica que “(...) o número subiu para cerca de 17 mil (16% dos óbitos) no ano passado, ainda assim muito longe de países como o Reino Unido, a Suécia ou a Dinamarca, que têm taxas de cremação acima dos 75%. (...)”.

Com este grande aumento os crematórios em Portugal foram sendo cada vez mais, contando já com cerca de 25 crematórios em 2018, como se pode

verificar na imagem do mapa dos crematórios em Portugal, do artigo de 23 de agosto de 2018 “A cremação é uma tendência crescente em Portugal”, do site Nascer do Sol. Ainda assim, como explicado pelo artigo “O negócio da morte” de 26 de fevereiro de 2017 do jornalista Nelson Marques no EXPRESSO, os meios rurais continuam muito recetivos quanto a esta prática mais recente, tornando a adesão à cremação em Portugal muito assimétrica, e pouco desenvolvida para a atualidade e em comparação com o resto do mundo.

Dados mais recente de 2021 mostram que, tal como indica o presidente da Associação dos Agentes Funerários de Portugal, Vítor Teixeira, citado por MAGG.SAPO.PT no artigo “Crematórios com lista de espera até cinco dias”, “seguramente mais de 60%” de aumento no que toca aos números de cremações em Portugal. A partir de 2020 e em 2021 houve uma grande adesão há cremação, principalmente por parte do incentivo da DGS para o efeito devido à pandemia COVID-19 em que ainda nos encontramos:

“O número de óbitos aumentou e as recomendações da Direção-Geral da Saúde (DGS) indicam que, “de preferência, se deve optar pela cremação”. “Nas nossas agências, verificámos um aumento de cremações na ordem dos 30%. No crematório da Lapa, a subida atingiu os 50%, mas já estávamos preparados”, diz, ao JN, Paulo Moniz Carreira, diretor-geral da Servilusa, uma das principais agências funerárias do país.(...)”,

artigo “Portugal com capacidade para fazer 180 cremações por dia”, de 04 de abril de 2020, de Arnaldo Martins em Jornal de Notícias.

Apesar da pandemia do COVID-19 ter sido também uma grande influenciadora no que toca ao aumento das cremações, a cremação continua a ser cada vez mais uma tendência em Portugal, pois “A escolha de cremar o corpo tem aumentado exponencialmente, provocando uma espécie de ‘fila de espera’ nos crematórios”, segundo o artigo “A cremação é uma tendência crescente em Portugal”, do site Nascer do Sol.

5-O enquadramento territorial

O lugar de Vila-Chã, faz parte, em termos administrativos, da freguesia de Penajóia e em termos religiosos encontra-se inserido na paróquia com o mesmo nome e cujos limites também são coincidentes. Localizada no norte do país, no distrito de Viseu, a freguesia de Penajóia encontra-se mais concretamente no concelho de Lamego. (figura1) Trata-se de uma freguesia de carácter rural e terreno acidentado, que se dispõem ao longo da encosta, com o rio Douro a banhar-lhe os pés, na parte norte, e a serra das Meadas a encabeçar a parte sul. Sendo uma das freguesias que compõem a franja norte do concelho, marginais do rio Douro, faz fronteira com as freguesias de Samodães (a Este), Avões (a Sul) e com Barrô (a Oeste), esta já sob a administração do concelho de Resende. (figura2) A norte, na outra margem do rio Douro, encontram-se as terras do concelho de Mesão Frio, com as quais, desde sempre existiu uma forte ligação. A ligação física entre estas populações foi, durante muito tempo, garantida por uma ligação de barco ou a chamada “barca de passagem” (Oliveira, 1998). Já segundo a tradição oral, a Rainha Dona Mafalda, esposa do primeiro rei de Portugal, ali mandou edificar uma ponte, a Ponte de Piar. Ainda a norte, encontram-se as terras do concelho do Peso da Régua.



Figura 1 - Localização de Lamego



Figura 2–A freguesia e o concelho

Espaço físico natural (morfologia, clima e hipsometria)

O lugar de Vila-Chã, está inserido no contexto da Região Demarcada do Douro, mais concretamente, na sub-região do Baixo-Corgo. Tal como acontece na maioria da referida sub-região, a freguesia de Penajóia e, por conseguinte, o lugar de Vila-Chã, apresenta uma constituição geológica de origem xística. Trata-se de um complexo xisto-grauváquico ante ordovícico do qual os solos derivam, quase na sua totalidade. (figura 3)

No que diz respeito ao clima, este é fortemente influenciado pelos sistemas montanhosos do Marão e de Montemuro que servem de barreira aos ventos húmidos provenientes do atlântico que se encontra a oeste. Situado no perímetro oeste da sub-região do Baixo-Corgo, a freguesia de Penajóia comunga, de forma geral, das características climáticas da referida sub-região. Apresenta um baixo nível de pluviosidade e uma grande amplitude térmica, que juntas resulta em invernos bastante frios e verões bastante quentes e secos. A temperatura média do ar varia entre os 15 e os 18 graus centígrados e o índice médio de precipitação variam entre os 800 e os 1000 mm/m2. (figura 4-5)

Em termos de relevo, este é acentuadamente acidentado e marcado por encostas que, por norma, apresentam um declive bastante acentuado. Em termos altimétricos, a parte mais baixa de Penajoia, ou seja, a marginal do rio Douro apresenta valores que rondam os 100 metros que ascende de forma abrupta a valores na volta dos 800 metros de altitude. O lugar de Vila-Chã, propriamente dito, situa-se a uma altitude que ronda os 450 metros. (figura 6)



Figura 3 - Carta geológica da Região Demarcada do Douro

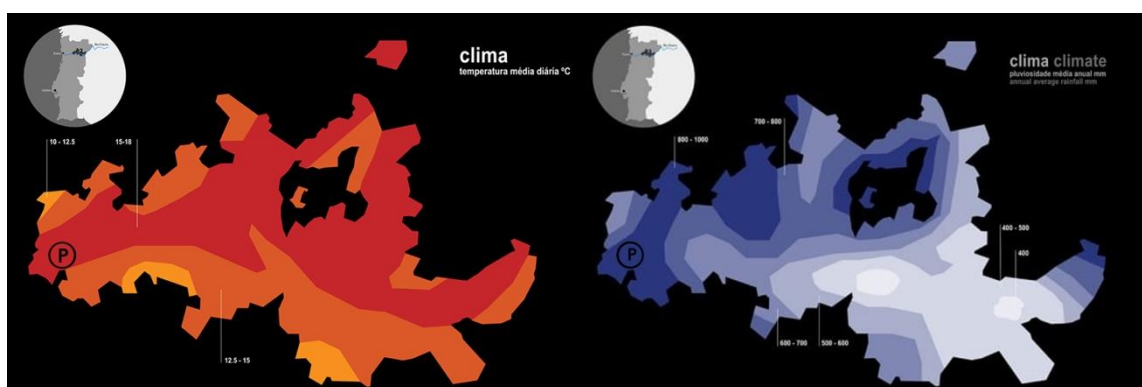


Figura 4 - Índice de temperatura

Figura 5 - Índice de pluviosidade



Figura 6 - Mapa higrométrico

Acessibilidades

No que concerne às acessibilidades, Penajoia possui acessos rodoviários e um acesso fluvial proporcionado pelo rio Douro. No entanto, o acesso fluvial é unicamente utilizado para fins turísticos, sendo que nenhum dos barcos de recreio, que utiliza esta via de comunicação, faz ancoragem nesta freguesia. A acessibilidade com maior relevância e maior eficiência é a E.N. 222. Esta estrada faz a ligação entre o concelho de Vila Nova de Gaia e o concelho de Vila Nova de Foz Côa e atravessa a freguesia de Penajóia, ligando-a às terras do concelho de Resende e do concelho do Peso da Régua e por conseguinte à A24. Outra acessibilidade que apresenta bastante importância para a freguesia é a E.N 226 que permite a ligação com a cidade de Lamego, sede do concelho. Salienta-se ainda a E.M. 537 que permite o acesso a toda a zona ribeirinha e a E.M. 536 com acesso às zonas ocidental e sul da freguesia, um acesso mais célere à cidade de Lamego. A última via referida, é a que serve a zona onde se prevê a implantação do equipamento proposto neste trabalho. (figura 7)



Figura 7 - Acessibilidades da Freguesia de Penajóia

Demografia e atividades económicas

De acordo com os dados disponíveis, a freguesia apresenta uma área total de 10.13 Km² e nela residiam em 2011, 1023 pessoas (censos 2011). Segundo estes números, a freguesia apresenta uma densidade populacional de aproximadamente 97 pessoas por Km². A distribuição da população está longe de ser uniforme, uma vez que uma grande parte da zona alta da freguesia se encontra despovoada. Salienta-se, ainda, que uma fatia significativa da população se encontra disposta numa faixa a uma cota intermédia no que diz respeito ao contexto da freguesia. Em termos gerais, a freguesia apresenta características semelhantes ao resto do concelho e à sub-região do Baixo-Corgo no que diz respeito à forma como a população se encontra distribuída, ou seja, o povoamento encontra-se disperso, ladeando as vias de comunicação, em pequenos núcleos ou lugares com um acentuado carácter rural. Ainda que a maioria da população seja composta por

indivíduos em fase ativa, tem-se verificado um envelhecimento da população a par de uma diminuição da mesma. (figura 8)

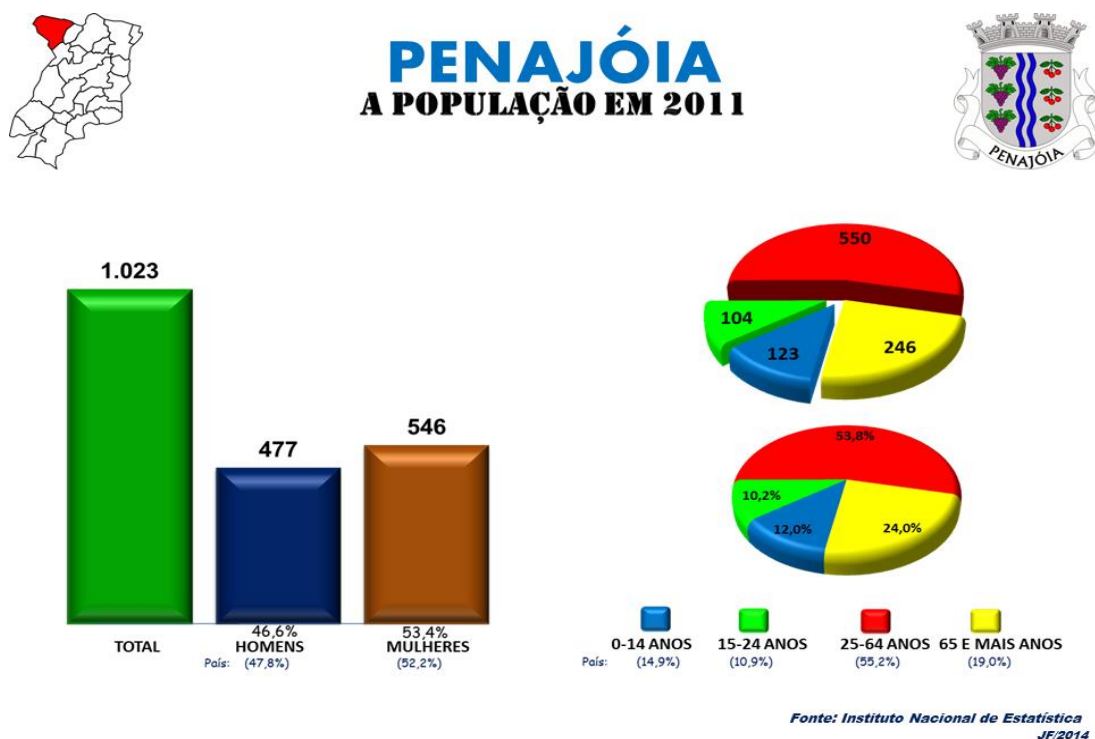


Figura 8 - Demografia da Penajóia

No que diz respeito às atividades económicas, e tratando-se de uma freguesia eminentemente rural, não é de estranhar que a agricultura seja o sector dominante. Inserida na região demarcada do douro, a população da Penajóia, encontra na produção do vinho, a sua principal atividade, a par da produção de fruta, nomeadamente a cereja. A construção civil é outra das atividades com grande peso na freguesia.

O concelho de Lamego, do qual a freguesia faz parte, tem um total de 26691 habitantes. No que diz respeito aos concelhos vizinhos, temos o concelho de Resende com um total de 11364 habitantes, Mesão Frio com 4433 habitantes, Peso da Régua com 17131 habitantes, Armamar com 6297 habitantes, Tarouca com 8048 habitantes e Castro Daire com 15339 habitantes (censos 2011).

Cultura, paisagem e património

Como já foi referido, a Penajóia está inserida na Região Demarcada do Douro. A demarcação desta área, tem na sua génese a produção de vinho, mais concretamente, o designado, localmente, de “vinho fino” ou “vinho generoso” e conhecido em termos nacionais e internacionais por Vinho do Porto. Apesar da sua grande extensão, a Região Demarcada do Douro, apresenta características bastante homogéneas no que diz respeito à qualidade e características do solo, à morfologia do solo e às características de ordem climática. Os fatores indicados anteriormente são os indutores do tipo de paisagem que encontramos nesta região e por consequência, na freguesia de Penajóia. Esta paisagem é marcada pelo declive acentuado das encostas, nas quais, ao longo dos tempos foram criados os característicos socalcos com a finalidade de permitir estabilizar o terreno, viabilizando a produção vinícola e ao mesmo tempo, permitir uma melhor infiltração e retenção, nos solos, das águas pluviais. (Imagem 33)



Imagem 33 - Paisagem da freguesia (vista do adro da igreja)

Assim, da relação entre os elementos naturais e a ação humana, emerge aquilo a que a UNESCO descreve como uma Paisagem Cultural e que, conseqüentemente classificou como património cultural de toda a humanidade. Neste sentido, entende-se que a paisagem da freguesia da Penajóia, se apresenta como o elemento patrimonial mais destacado e que é com as populações inseridas no contexto da Região Demarcada do Douro que as pessoas de Penajóia, partilham maiores afinidades em termos culturais. De outros elementos com valor patrimonial, destacam-se a albergaria de Dona Mafalda, a igreja de S. Salvador e também as festas em homenagem ao padroeiro da freguesia, o já referido S. Salvador.

Toponímia e história do lugar

No que diz respeito à toponímia (estudo dos nomes próprios das localidades) as opiniões apresentam-se divergentes em relação à origem do nome Penajóia. Gonçalves da Costa (1979), defende que o nome provém de uma povoação que terá existido no lugar do Castelo, no morro de Guediche e que terá tido o nome de Guedeia. Deste termo teria derivado o nome de Pena Guedeia, que terá evoluído para Pena Judeia ou Pena Johiam. Pedro Ferreira (1907) é da opinião que à semelhança de Beja, que em tempos se designou de Pax Júlia, Mértola de Myrtilis Júlia e Lisboa de Felicitas Júlia, também Penajóia se terá designado em tempos de Pena Júlia como homenagem ao imperador romano Júlio Cesar. Já Almeida Fernandes (1999) considera que ao fim da Idade Média a designação seria Pena Juia (ía). O termo primitivo seria Pena Judia (ou Pena Judea) que evoluiu para Juía. Desta forma, “pena” indicava um local povoado por judeus ou a esta pertencente. Nas inquirições da Idade Média aparece, normalmente, Pena Juya e é aqui que para Fernandes, se encontra a origem do nome atual. Se não se encontra consenso quanto à origem toponímica do nome da freguesia, não restam dúvidas quanto à antiguidade da ocupação humana do lugar. Pinho Leal (1873) fala de vestígios da presença romana e da denominação de alguns dos seus lugares. Com a romanização iniciou-se o abandono dos castros e uma descida para locais mais baixos, surgindo assim novas povoações. Destas, temos o lugar de Vila-Chã que em tempos se terá tido o nome de Villa Plana, e é neste local que se prevê a implantação do equipamento proposto. Com a romanização apareceu também o cristianismo e terá sido neste lugar, onde na atualidade se encontra a igreja

dedicada ao Santíssimo Salvador, que os primeiros cristãos se organizaram em torno de uma ermida dedicada à referida entidade. Esta comunidade terá sido elevada à condição de paróquia já no período da ocupação dos Suevos e Visigodos.

Penajóia, recebeu foral de D. Afonso Henriques, sendo reformado por D. Manuel I a 15 de Julho de 1514. Segundo as Memórias Paroquiais de 1758, o centro da freguesia confundia-se com a então igreja paroquial. Já em meados do século XX foi construída uma nova igreja no lugar de Molões que se encontra no centro da paróquia e, por consequência, no centro da freguesia. Este facto atesta que ao longo do tempo a população se foi dispersando pelo território do domínio da paróquia.

Espaços religiosos, cemitérios espaços de cremação

No que diz respeito a espaços religiosos, na paróquia de Penajóia existem vários e de diferentes características. São inúmeros os nichos, alminhas e cruzeiros que vão pontuando os vários caminhos existentes. No que se refere a capelas, estas são também em número considerável, sendo que algumas são privadas enquanto outras são de carácter comunitário, diferindo, estas últimas, no que diz respeito à importância, devido ao peso que adquirem no seio da comunidade em que estão inseridas. Destas, cabe destacar a capela dedicada a Nossa Senhora da Ajuda, situada no lugar de Moledo, que serve como lugar de culto as populações da zona ribeirinha da paróquia (norte). A capela dedicada a Nossa Senhora da Encarnação, situa-se no lugar de São Gião e serve como lugar de culto a população da zona este da paróquia. Esta capela serve também como espaço de velação uma vez que tem um cemitério adjacente. A capela dedicada a Nossa Senhora da Piedade, situada em Valclaro, serve, como lugar de culto, as populações da zona oeste da paróquia. A capela dedicada a Santo António, encontra-se em lugar homónimo. Como lugar de culto serve uma população bastante reduzida até porque, se encontra bastante próxima de uma igreja, no entanto, tendo um cemitério adjacente, adquire relevância enquanto espaço de velação, servindo uma área mais vasta.

No que diz respeito a igrejas, a paróquia contempla duas com características distintas. A igreja paroquial está localizada no lugar de Molões que corresponde à parte central da paróquia. Esta igreja está dedicada ao culto de Nossa Senhora de Fátima, que hoje em dia é em termos oficiais, a principal orante da paróquia. Esta

igreja serve como lugar de culto às populações do centro da freguesia, funciona como igreja matriz e nela também se celebram algumas festividades dedicadas ao culto mariano. A igreja dedicada ao Santíssimo Salvador, está situada no lugar de Vila-Chã e serve como lugar de culto à zona sul da paróquia. Esta foi até meados do século XX, a igreja paroquial principal para a oração da comunidade, facto que ainda hoje se verifica. É nesta igreja que se realizam as principais festividades da paróquia, dedicadas ao culto do Santíssimo Salvador.

No que diz respeito a cemitérios, a paróquia contempla três. Um dos cemitérios, encontra-se no lugar de São Gião, junto à capela dedicada à Nossa Senhora da Encarnação e serve uma parte considerável da zona este. Outro dos cemitérios, foi já referido, encontra-se adjacente à capela dedicada a Santo António e serve uma parte considerável da zona oeste da paróquia e também uma parte da zona sul. Por último, temos o cemitério que se encontra no lugar de Vila-chã, adjacente à igreja dedicada ao Santíssimo Salvador. Este cemitério, serve uma grande parte da zona sul e o restante território da paróquia. Neste sentido, salienta-se a importância de todas as igrejas referidas anteriormente, enquanto espaço de velação e celebração de rituais fúnebres. (ilustração 13)

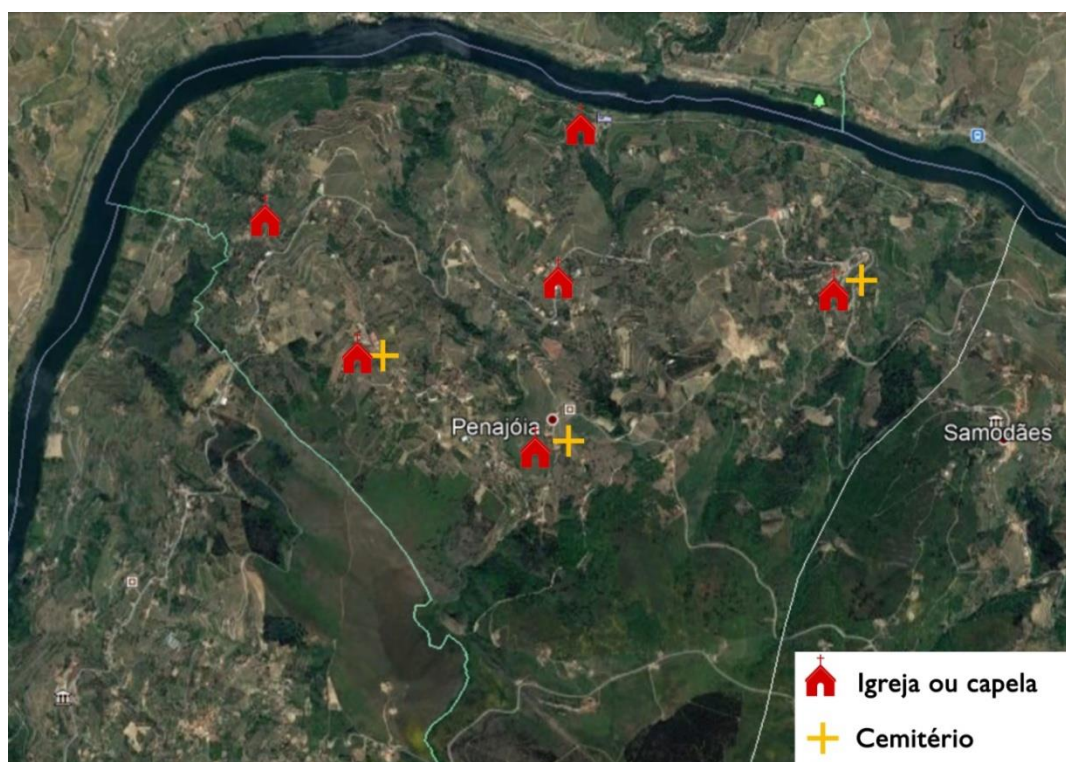


Ilustração 12 - Igrejas, capelas e cemitérios (autor, 2021)

Neste território, á semelhança do que se passa no território português, os restos mortais dos defuntos são, tradicionalmente, depositados na terra, no entanto, a cremação dos defuntos tem tido um crescimento bastante acentuado e por consequência, os crematórios têm tido uma procura cada vez maior. No que diz respeito a espaços de cremação, a sua existência não se verifica no concelho de Lamego. De igual modo, em nenhum dos concelhos vizinhos podemos encontrar equipamentos deste tipo, sendo que, o crematório que se encontra mais próximo se encontra a aproximadamente 50 minutos de distância.

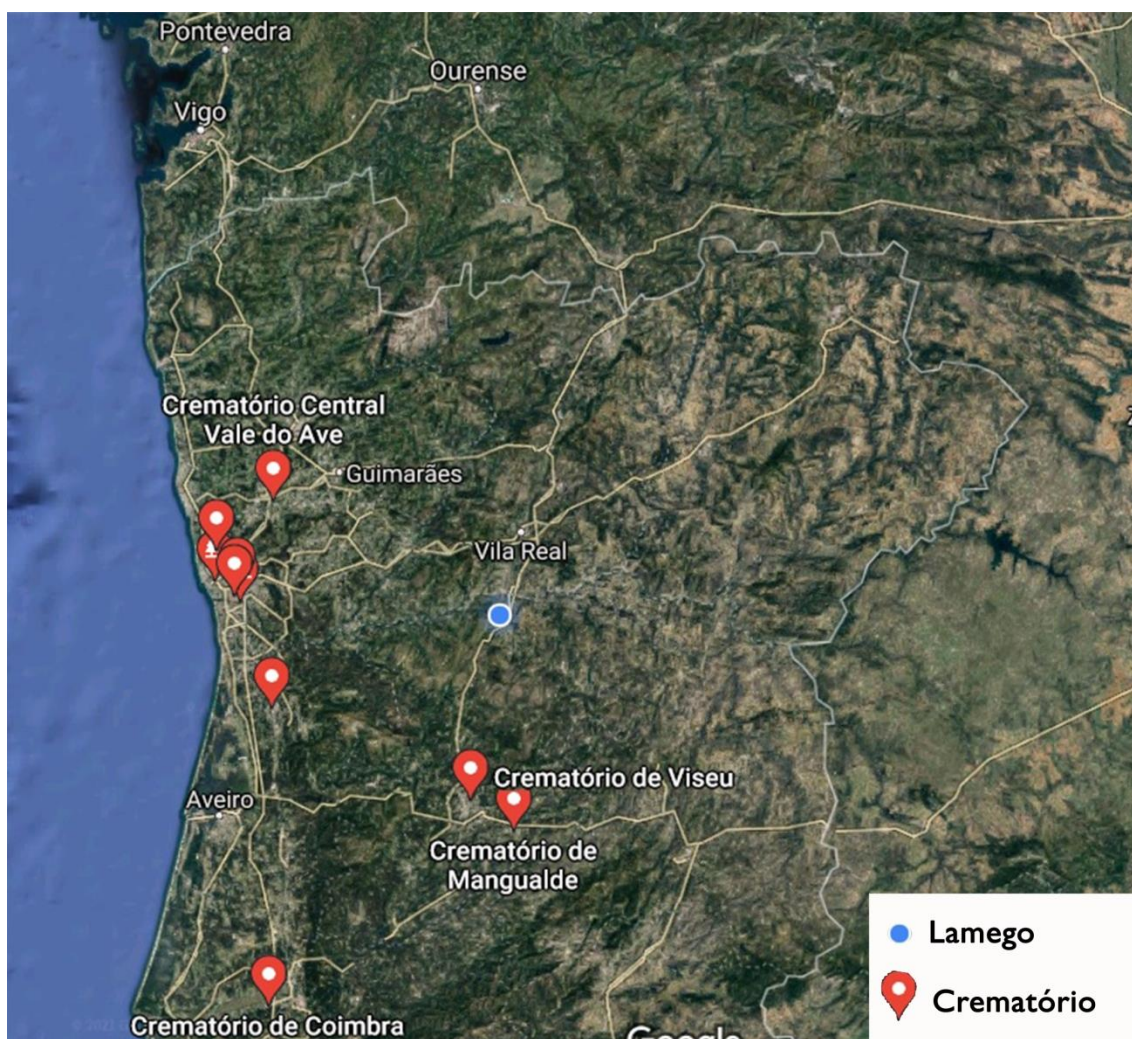


Ilustração 13 - Espaços de cremação (Google maps)

Enquadramento urbano e características do edificado

Cerca de 1/3 do território de Penajóia é composto de terrenos baldios, com uma flora de origem espontânea, localizados na parte mais alta da freguesia, e cerca de 2/3 de terreno cultivado. Nas terras cultivadas predomina a cultura da vinha embora o cultivo de árvores de fruto também tenha um peso significativo. Existem também, muitas hortas que normalmente apoiam as habitações. É um território de cariz rural e eminentemente agrícola no qual o edificado se encontra normalmente disperso, ladeando as vias de comunicação ou pequenos aglomerados que se encontram, maioritariamente dispostos numa faixa a meio da encosta, que ronda os 300 metros de altitude.

Em termos gerais, foi a partir da década de 70 do século XX que este território sofreu grandes alterações no que diz respeito ao número e as características do edificado. Quanto ao lugar de Vila-Chã, as coisas passaram-se de forma idêntica. A partir do período referido, o número e a dimensão dos edifícios aumentou de forma significativa, edifícios estes que passaram a ter o betão como base estrutural. Em vários casos, as novas construções tiveram por base ruínas ou edificações pré-existentes. O edificado construído antes deste período, apresenta-se construído em pedra local e a estrutura era conseguida, maioritariamente, pelas paredes da envolvente.

O lote de terreno destinado à implantação do equipamento proposto situa-se no meio de um pequeno aglomerado urbano, ladeado por terrenos onde se encontra o cultivo da vinha. O lote apresenta uma configuração irregular e um declive acentuado onde se destacam os socacos que aí se encontram. Na parte este, confina com a E.N. 536 e na frente sul e oeste, confina com o terreno do domínio da igreja que aí se encontra. No restante da frente oeste e na frente norte, confina com dois edifícios destinados em parte a habitação e em parte a armazéns. (Imagem 34)

A igreja é o edifício mais destacado do lugar e o que apresenta maiores dimensões. Ainda que a sua origem seja anterior, a traça que hoje apresenta data do século XVII, sendo composta por um corpo principal, um presbitério. Apresenta paredes estruturais construídas em pedra com acabamento em reboco pintado. As soleiras, ombreiras, cunhais e cornijas são em granito aparente e a cobertura é feita em madeira e impermeabilizada com telha cerâmica.

O edifício que se encontra a noroeste foi, segundo os dados disponíveis, construído no século XIX e apresenta algumas características semelhantes à igreja em termos construtivos. Neste, as paredes envolventes (também estruturais) são construídas em xisto, rebocadas e pintadas, aqui o granito é apenas utilizado para guarnecer as ombreiras dos vãos. A cobertura é impermeabilizada através da utilização de telha cerâmica suportada por uma estrutura em madeira.

O edifício que confina a parte norte, foi construído na década de 70 do século XX, as suas paredes também são estruturais, mas construídas em tijolo, no entanto, foi construído a partir de um edifício pré-existente.

O edifício que confina a parte norte foi construído na década de 70 do século XX, a partir de um edifício pré-existente. Nele encontra-se paredes estruturais, mas construídas em tijolos.



Imagem 34 - Lote de implantação

O lugar – uma perspectiva empírica

O local onde se prevê a implantação do equipamento tem o nome de Lugar da Igreja, designação que terá surgido naturalmente com o tempo devido à igreja que aí se encontra. As igrejas foram, de forma recorrente, elementos centrais na vida das comunidades, tornando-se referências e por conseguinte, elementos de estruturação do território; não sendo, portanto, de estranhar que o lugar tenha adquirido esta designação.

O lugar encontra-se a meio da encosta, com o Douro ao fundo e os cabeços da serra das Meadas a rematar a linha de horizonte, em cima. Ao pé, encontram-se os povoados de Vila-Chã e de Santo António mas, o grande enfoque visual encontra-se nas encostas da Régua e de Mesão Frio que, a norte do Douro, sobem até aos imponentes maciços rochosos do Marão. Daí, sopra por vezes um vento muito frio a que os locais atribuem o nome de vento Soão, ainda que na maioria das vezes, os ventos sejam provenientes das terras dos lados de Resende e de Baião, que ainda se podem avistar ao longe. Raras são vezes que os ventos sopram de sul e isso significa, de acordo com os moradores da terra: muito calor ou muita chuva.

Por se encontrar na vertente este da encosta, e devido à distância da linha de fecho, a incidência solar e a sua luz adquirem neste lugar características muito próprias, variando, não só ao longo do dia mas também ao longo do ano. No inverno, durante os dias mais curtos, o sol, que nasce a este e inicia o seu percurso pelo céu, só ilumina diretamente o lugar já quase a meio do dia e deixa de o fazer passadas muito poucas horas, quando baixa para se esconder atrás das fragas lá dos lados de Cêtos. Durante este período, uma luz pálida ilumina o terreno, descendo, quase sempre, tangente ao declive das encostas.

Já durante o verão, bastante quente por estes lados, o sol ilumina bem cedo o lugar e, no seu percurso mais alto, só bem junto ao fim do dia começa a baixar, deixando de se ver por trás dos montes que se vêem ao longe, dos lados do mar. Neste período, os dias são preenchidos por uma luz da manhã criadora, que faz com que o céu se ilumine de branco, dando lugar a uma luz intensa e cálida do meio do dia que, por sua vez dá lugar a um sol mais pachorrento do fim do dia, que preenche o céu com tons alaranjados, lilases e vermelhos...

A terra e o seu cultivo tem um peso considerável na economia e, principalmente, na cultura das pessoas do lugar. Esta ligação à terra tem a sua ênfase no cultivo da vinha e do vinho, fator decisivo na construção da identidade do local. O solo deste lugar é composto por uma terra de cor ocre derivada de um xisto que apresenta, normalmente pouca resistência que consegue partir com alguma

facilidade, no entanto, é com ele que aí foram e continuam a ser feitos os característicos muros de suporte das terras: os socacos do Douro. Tanto o solo como os muros têm a particularidade de absorver e manter o calor que recebem durante o dia e libertá-lo durante a noite...

Aqui, o baixo número de residentes é compensado pelo enorme sentido de comunidade; aqui todos se conhecem e salta à vista o sentido de entre-ajuda: partilha-se a febra do porco criado em casa, a primeira colheita das novidades e leva-se a sopa a quem não se encontra bem de saúde. Na realidade, não parecem muito necessários este tipo de atitudes uma vez que, no geral, estas pessoas apresentam um nível de vida confortável, parece funcionar como uma espécie de reminiscência de outros tempos em a abundância era bem menor.

Neste lugar, à semelhança de tantas outras pequenas localidades, o tempo tem uma forma própria de decorrer e é feito de pequenas histórias, das conversas do fim de tarde, das risadas dos domingos de manhã e de pequenas polémicas, normalmente relacionadas com o futebol ou com a missa de pascoa que deveria voltar a ser sempre realizada na igreja do padroeiro...

Como se pode verificar, esta parte do texto apresenta-se menos objetiva e racional; aqui apresento o meu olhar, declaradamente parcial, sobre a terra onde nasci e cresci e sobre as pessoas com que partilhei asminhas pequenas histórias, as minhas risadas de domingo de manhã... A própria ideia que serviu de base para a realização deste trabalhosurgiu daqui, do meu contacto com estas pessoas, do desejo antigo que estas têm de ver construída a casa mortuária.

6-O equipamento – Descrição e justificação

Pensa-se que a designação mais adequada a este equipamento seria: Espaço de celebração de rituais de passagem e crematório de Vila-Chã. Normalmente, estes tipos de edifícios são chamados de casa mortuária. Uma vez que este contempla um espaço de cremação, poder-se-ia dizer que se trata de um tanatório, ainda que esta designação fosse um pouco forçada, uma vez que este equipamento não contempla algumas das valências que caracterizam os tanatórios. Assim, e para simplificar, ao equipamento atribui-se a designação de Casa mortuária/crematório de Vila-Chã.

O propósito

Com a implantação deste equipamento pretende-se, em primeiro lugar, proporcionar à população da freguesia e também da região, um espaço para a celebração dos rituais fúnebres, que permitisse também, a cremação dos defuntos.

Através desta intervenção, pretende-se criar um espaço que seja uma expressão contemporânea da “nossa relação com o espiritual” e que também, em termos funcionais e de conforto se adeque aos nossos dias. Outro dos objetivos foi o de criar um espaço que fosse liberto de referências religiosas imediatas, de forma a que pessoas que não professam nenhuma religião possam realizar aí os seus rituais fúnebres. Ao mesmo tempo, procurou-se que o espaço tivesse características adequadas à realização de rituais de caráter religioso, de várias religiões, nomeadamente as do “livro”. Elementos funcionais e espaciais específicos dos edifícios religiosos cristãos, muçulmanos e judaicos foram adotados, de forma a que todos possam aqui realizar as suas celebrações.

No fundo, com este equipamento, pretende-se criar um espaço contemporâneo adequado às celebrações de rituais (com ênfase na realização de rituais fúnebres) de várias orientações religiosas e, ao mesmo tempo criar um símbolo de entendimento e tolerância...

A justificação

Ainda que as questões espirituais estejam muitas vezes ligadas à religião, não significa, por isso mesmo, que isto sempre se verifique; a crescente secularização confirma que a nossa condição espiritual continua presente mesmo não se professando nenhuma confissão religiosa. O que se conclui é que são duas realidades que têm que coexistir...

No nosso país, muitas foram as religiões que existiram e que coexistiram ao longo do tempo de forma mais ou menos pacífica... Hoje em dia, o grande fluxo migratório que se verifica tem como resultado o facto de que indivíduos de grupos religiosos diferentes tenham que partilhar o mesmo território...

Hoje em dia, a opção pela cremação tem tido uma adesão cada vez maior, representando a sua prática uma percentagem significativa do número total de funerais realizados.

A localização

O terreno destinado à implantação do equipamento encontra-se em Vila-Chã na freguesia de Penajóia (Lamego), mais concretamente no chamado Lugar da Igreja. (A localização do lote, a análise do lugar e do território encontram-se expostas no capítulo: Enquadramento territorial)

O que primeiro despertou o interesse por este terreno foi ter tido conhecimento do desejo demonstrado pelo proprietário, de ceder o lote para que nele fosse edificado um espaço dedicado à velação dos defuntos... Ainda assim, a decisão de escolher este terreno só foi tomada após uma análise cuidada do território, nas suas variadas dimensões e, se verificar a sua viabilidade.

A implantação

O lote utilizado para a implantação uma configuração bastante irregular assim como e variações de cota consideráveis. A sua geometria bastante recortada é confinada por edificações a norte, parte da zona oeste e também a sul, sendo que o edifício que se encontra a sul é uma igreja, elemento com relevância no aglomerado urbano devido à sua dimensão, sendo especialmente importante em

termos simbólicos. A este, o lote apresenta o seu limite mais extenso e mais uniforme e confina com a rua, mais concretamente com a estrada municipal nº 536. A oeste, o lote confina com o adro da igreja.

Durante o “processo de implantação” do equipamento, procurou-se que se verificasse um equilíbrio entre o espaço construído (normalmente designado por área de implantação) e espaço não construído, tentando, também, originar uma linha de frente de rua qualificada; deste modo, para além do seu valor intrínseco, o edifício valeria também pela qualificação proporcionada ao seu entorno. (Qualificando o espaço público). Uma frente de rua qualificada outorgaria importância ao edifício também...

A maioria do volume do edifício encontra-se na parte sul do lote, privilegiando a relação com a igreja, permitindo, ao mesmo tempo, uma relação direta com a rua e com o adro. Com esta atitude pretendeu-se proporcionar um certo equilíbrio à malha urbana e à sua volumetria, proporcionando, deste modo, um entorno mais desafogado aos edifícios de carácter habitacional, dispostos a norte.

No que diz respeito ao alinhamento da frente de rua, a opção foi a de dar continuidade ao alinhamento “iniciado” pelo edifício que se encontra no extremo norte do lote. Ao prolongar este alinhamento pretendeu-se estabilizar a frente de rua e por consequência a malha urbana; da mesma forma, permitiu criar um espaço qualificado a anteceder a entrada do equipamento, dignificando-a; permitiu melhorar o acesso ao adro e por consequência à igreja.

Este alinhamento foi o gerador da geometria da planta do equipamento, sendo também adotado por originar a geometria que melhor servia as questões funcionais do edifício. Com uma ligeira torção a sudeste, esta “empena” resulta ortogonal em relação aos lugares sagrados das religiões do livro.

O programa

O programa do equipamento foi sendo desenvolvido de acordo com a investigação realizada antes e durante a conceção do projeto arquitetónico. Tratando-se de um projeto de cariz académico, o edifício não surgiu a partir da encomenda de um cliente específico. Esta situação foi alterada quando o orientador da trabalho de projeto, o arquiteto João Carreira, se afirmou como sendo ele próprio o (hipotético) cliente e encomendador do edifício. Neste sentido, o

programa foi desenvolvido de acordo com o que se achou adequado, sendo sempre, todas as conclusões atingidas, confrontadas com as exigências e com aquilo que ao (hipotético) cliente pareceu adequado.

Concluiu-se que o equipamento deveria ser um espaço de celebração de rituais, com ênfase nos rituais fúnebres, de várias religiões, estando, em termos formais, funcionais e espaciais, condizente ou apto a albergar as cerimónias cristãs, muçulmanas, judaicas e ainda os rituais realizados por ateus. Concluiu-se ainda que, tendo em conta a procura atual, dotar o equipamento de instalações destinadas à cremação dos defuntos.

Definiu-se que o equipamento teria que se apresentar dividido em duas zonas distintas; uma zona de acesso ao público ou zona comum e uma zona técnica, onde se processaria a cremação. No espaço comum teria que existir um espaço de receção, uma espécie de “passos perdidos” que assinalaria a entrada no edifício e também estabeleceria a articulação com os restantes espaços. Definiu-se que teria que existir a, normalmente, designada receção, destinado a tratar das burocracias inerentes às exéquias e à cremação. Deveria haver também um espaço de estar/espera e sanitários. Estabeleceu-se que teria que existir o inevitável espaço para a celebração das cerimónias e um espaço de arrumação contíguo. A área técnica teria que ter um espaço destinado a albergar o forno de cremação e os respetivos aparelhos de filtragem; uma zona de trabalho destinada a processar os restos da cremação e um espaço para arrumação para alfaia utilizadas neste processo e um vestiário destinado aos funcionários do crematório e também aos sacerdotes que realizam as cerimónias... Definiu-se que teria que haver uma ligação entre a rua e o espaço de celebração e de cremação que permitisse o acesso aos veículos funerários e a veículos destinados a uma eventual manutenção dos equipamentos destinados à cremação.

No que diz respeito ao espaço comum, determinou-se que este deveria possibilitar uma ligação entre a rua, à cota alta, e o adro, à cota baixa. O espaço de celebração, fruto da sua complexidade, foi alvo de uma reflexão especialmente cuidada; definiu-se que o espaço referido estivesse orientado a este, seguindo o modelo dos edifícios religiosos muçulmanos, modelo também seguido por vários edifícios religiosos judaicos e cristãos.

De forma a poder responder ao protocolo das celebrações judaicas, definiu-se que o espaço de celebração fosse “dividido em dois”, com um espaço destinado aos homens e outro destinado às mulheres. Definiu-se, também que o espaço de celebração tivesse um espaço exterior de apoio ou adro, para este efeito, optou-se por simplificar e utilizar para este efeito, o adro, já aí existente.

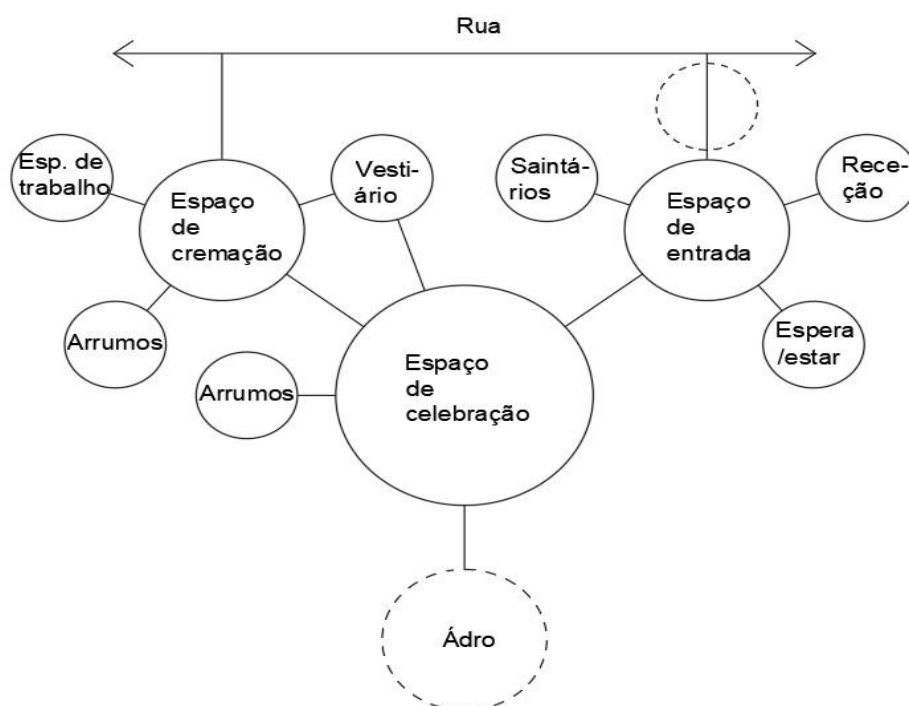


Ilustração 14 - Organograma do projeto

O projeto

A intervenção que levou ao desenvolvimento do projeto da casa mortuária/crematório previu também o arranjo do espaço público do aglomerado urbano. A maioria do espaço público é ocupado pela estrada Nº 536 e definiu-se que a “berma” do lado oeste fosse o alvo da intervenção. O arranjo inicia-se junto das primeiras casas a norte e termina junto da última casa do aglomerado que se encontra a sul. Através desta intervenção pretendeu-se qualificar a frente de rua do equipamento, na qual se colocaram árvores (tílias) de forma a harmonizar o espaço e também e também estabilizar o espaço que antecede a entrada da casa mortuária. O pavimento do passeio é conseguido com a utilização de cubo de granito (0.06x0.06) amarelo (Vila Real) e no encontro com o asfalto será colocada uma guia do mesmo granito, com 0.25 cm, sem provocar desnível entre o pavimento do passeio e o asfalto. Ainda no mesmo passeio, à frente à frente da entrada do equipamento, encontra-se um pavimento com outras características; composto por lajetas de mármore de Lioz (1x1x0.05) igual ao que se encontra no

interior do edifício, e pretende definir um espaço exterior do domínio do equipamento. Segue-se a escada de acesso ao adro e à igreja e depois uma zona que se torna mais estreita de forma a permitir a introdução de uma rampa de acesso, destinada a pessoas com mobilidade reduzida. Seguindo para sul, encontra-se uma zona mais alargada devido à necessidade de providenciar estacionamento automóvel; como a necessidade de estacionamento é pontual, acontecendo nos dias em que se realizam cerimónias religiosas, optou-se por não definir um espaço unicamente destinado a este efeito. Neste sentido, o pavimento não apresenta marcações nem diferenças de cota; este espaço foi desenvolvido no sentido de proporcionar também um espaço de lazer, introduzindo-se bancos, árvores e um ponto de água, sendo o alinhamento destes elementos a definir o limite do espaço de estacionamento. Até ao seu término, o pavimento continua apenas como espaço pedonal...

O equipamento é composto por dois pisos, estratégia adotada de forma a conseguir uma adequação ao terreno e, ao mesmo tempo fazer um aproveitamento deste mesmo declive em benefício das questões programáticas, funcionais e espaciais do edifício.

O piso superior encontra-se à cota da rua e é aí que se encontra a entrada do equipamento no que ao acesso ao público diz respeito. Em termos formais, a entrada é marcada pela simetria da fachada que tem o propósito de enfatizar o caráter especial do edifício através da “solenidade”. A entrada encontra-se recuada em relação à linha de rua e em conjunto com os volumes laterais e a diferenciação do piso do através do material, define um espaço exterior do domínio do equipamento. Ao entrar no edifício encontramos um espaço de receção, com um pé direito elevado; pretende-se que esta área tenha um ar “cátedro” condizente com o propósito do equipamento; pretende-se também que este, funcione como elemento de articulação para com os restantes espaços de caráter público. A rematar o espaço de receção está uma área destinado a tratar das questões burocráticas inerentes às celebrações exequiais, a um lado encontram-se os sanitários e do outro, uma zona de estar e espera. Daqui é estabelecido o acesso ao coro, a um púlpito e a ligação ao espaço de celebração que, se encontra no piso inferior.

O piso inferior é composto por duas zonas distintas, uma de acesso ao público e uma zona técnica de acesso restrito; estas duas zonas encontram-se em cotas distintas... A zona técnica é composta por um espaço de arrumos, um espaço destinado ao processamento dos restos mortais após a cremação e um espaço onde se encontra o forno de cremação e os respetivos mecanismos de filtragem. Esta

zona tem uma ligação ao espaço de celebração conseguida através de uma plataforma elevatória, e tem o intuito de permitir a deslocação dos ataúdes para o espaço de cremação; tem uma ligação ao espaço comum sob a forma de uma escada de forma a permitir a deslocação dos técnicos à zona comum; uma ligação permite o acesso a um pátio exterior através de uma abertura com dimensões adequadas à passagem de um automóvel, do forno crematório e dos respetivos mecanismos de filtragem. O pátio referido tem uma dupla função: permitir o estacionamento e a manobra dos carros funerários e funcionar como espaço lúdico. Aqui (no pátio) encontra-se um banco e uma árvore com o intuito de tronar mais convidativa e confortável a permanência neste espaço; daqui prolonga-se o percurso que permite a ligação automóvel à rua.

A zona comum do piso térreo é composta pelo espaço de celebração, dois espaços de “entrada”, um pátio interior, por um espaço de arrumação e um vestiário. O espaço de celebração é composto por um elemento principal destinado às pessoas que assistem aos rituais e é dividido em duas partes, uma no piso térreo e outra no piso superior (o coro já referido). Com isto pretende-se proporcionar um espaço adequado a celebrações de orientação judaica, nas quais, homens e mulheres se encontram, normalmente, em planos separados. Outro elemento que faz parte do espaço de celebração é o púlpito que se encontra no 2º piso; é um elemento utilizado por muçulmanos e cristãos. No topo este do espaço de celebração encontra-se uma área, rematada por uma generosa entrada de luz zenital, destinada a albergar o ataúde dos falecidos; esta separação vai no sentido de proporcionar um espaço que representa um estado de transição, ou seja, o defunto está a deixar o mundo dos vivos e a entrar no mundo dos não vivos. Entre o espaço de celebração e o adro encontra-se uma zona de transição, parte interior, parte exterior, ligada ao adro por meio de escadas. Ao elevar-se o espaço da cota do adro procurou-se transmitir a ideia de que o espaço sagrado se encontra num plano superior, ao mesmo tempo, através desta atitude, procurou-se aproximar a cota do espaço de celebração do piso térreo com a cota do coro que se encontra no segundo piso. Destaca-se o fato de o espaço de celebração estar orientado a este, pretendendo-se com esta atitude, ir ao encontro das características do espaço religioso muçulmano, sendo que muitos edifícios religiosos cristãos e judaicos apresentam esta orientação: no sentido dos respetivos lugares sagrados.

Contíguo a este espaço principal encontra-se uma zona que faz a articulação entre este, o espaço de arrumação, a zona técnica, o vestiário e os dois pátios. O espaço de arrumação referido tem o propósito de permitir a arrecadação das

alfaias relacionadas com as liturgias e também o mobiliário do espaço de celebração. Um mesmo espaço permite a ligação com o pátio de acesso automóvel, com o vestiário e com o pátio “interior”. O vestiário destina-se aos técnicos que tratam da cremação e aos celebrantes das cerimónias e contempla ainda um sanitário. O pátio interior é composto por um espaço acessível com um único banco e um espelho de água no qual se encontra um monólito do qual brota a água. A água apresenta-se aqui como elemento simbólico de valores espirituais e o monólito pretende servir também como remate ao enfiamento visual provocado pelo corredor.

Estrutura e materiais construtivos

O elemento estrutural utilizado é o betão armado sendo que esta opção foi provocada em primeira instância pelas exigências espaciais/formais do equipamento. Verificou-se que os edifícios que se encontram na imediação deste, apresentam uma estrutura conseguida através da utilização de paredes portantes, servindo de base para a estratégia adotada no equipamento. O betão armado é um sistema estrutural relativamente recente e apresenta-se aqui aparente (sem revestimento), com esta atitude pretendeu-se transmitir ao edifício, uma ideia de contemporaneidade e ao mesmo tempo de perenidade. As paredes da envoltória são compostas por um muro exterior de betão armado, uma câmara com uma camada de isolamento térmico e uma parede de tijolo revestida com gesso e pintada de branco. Através deste sistema pretende-se garantir a qualidade do interior em termos térmicos. As paredes interiores são na maioria (elementos estruturais) em betão armado, revestidas a gesso e pintadas; as restantes paredes são construídas em tijolo, revestidas com gesso e pintadas. Na zona dos sanitários e do vestiário, o revestimento até à altura do topo das portas é conseguido através da utilização de pedra natural.

Os chãos são revestidos em pedra natural (mármore Lioz) e, para além da sua durabilidade e da não necessidade de tratamento, pretende-se transmitir um carácter de sacralidade ao espaço, através da nobreza dos materiais utilizados.(visualizar ilustrações 16,17,18,19,20 e 21 dos anexos)

Memória do projeto

Quando foi iniciado este trabalho, o que estava previsto e o que se pretendia era criar um projeto para um espaço de celebração de cerimónias fúnebres, normalmente designado por casa mortuária. Pareceu-me um desafio interessante porque implicava refletir sobre uma série de temas que envolviam o assunto: a morte e a nossa relação com esta nos dias que correm, o espaço consagrado aos rituais religiosos, tantas vezes abordado ao longo dos tempos e, mais uma série de outros temas pertinentes...

O local era por mim bem conhecido pois foi aí que eu cresci, tendo sido, inclusivamente, batizado na igreja que aí se encontra. Esta situação, ou seja, o facto de conhecer tão bem o local deu-me inicialmente grande confiança que aos poucos foi dando lugar a uma sensação de um certo desconforto. Ocorreu-me que pudesse não ter a distância suficiente do objeto para o perceber de forma objetiva. No fim, e sem qualquer sentido de resignação, concluí que as coisas são o que são e que não valia a pena perder muito tempo com isso, até porque o projeto teria que, inevitavelmente, iniciar-se. Apesar do que foi referido agora, ser de menor importância para o que aqui se está a tratar, foi com este tipo de sensações que entrei no projeto.

Durante os esboços iniciais, pareceu-me evidente que o edifício a propor, iria ter que entrar em diálogo com a igreja aí existente, o que não sabia ainda era como esta coexistência se iria processar; nem sabia ainda se ia ser um dialogo ou antes, um confronto. Ainda assim, tinha a ideia de que os confrontos em arquitetura devem ter alguma subtilidade... Também me pareceu claro que o novo edifício, até por contingência do lote, deveria apropriar-se pelo menos de uma parte do espaço do adro, que até aí sempre fora do domínio exclusivo da igreja. Uma casa mortuária precisa de um espaço exterior. Enfim! Nos funerais as pessoas também socializam e, o adro pareceu-me um espaço adequado para esse efeito. Também tinha na ideia a aversão que me sugerem os espaços monofuncionais e, como se pode ver neste momento, esta ideia manteve-se até ao fim. Outra das coisas que me pareceu apropriada na altura, foi a criação de um espaço para a realização de cerimónias fúnebres ao ar livre, indo ao encontro da tendência atual. Esta ideia foi sendo progressivamente abandonada, por ter sido considerada redundante já que havia o adro como espaço exterior, perfeitamente capaz de albergar uma celebração deste tipo.

Recordo-me que por esta altura estava tudo muito solta e que havia poucas certezas e, como resultado, voltei a refletir sobre o programa e a investigar o problema de forma mais minuciosa. O resultado deste processo foi de certa forma

surpreendente e bem diferente das ideias e dos preconceitos iniciais, tendo o programa, sofrido alterações consideráveis. A principal diferença é que foi considerada adequado proporcionar, também, um espaço de cremação; uma prática que tem tido um crescimento exponencial nos últimos tempos, habilitando assim o espaço às necessidades dos nossos dias. A par disto, pareceu adequado dotar o espaço da capacidade de permitir, não só, a celebração de cerimónias fúnebres cristãs. Pareceu-me que, nos dias que correm e, com o cosmopolitismo crescente e com a facilidade de migração, as populações tem tendência a ser cada vez mais heterogéneas, provocando, por consequência, uma maior diversidade religiosa. Ainda assim, não sei se isto se deve a uma espécie de ideia, em certa medida romântica, de que deve existir entendimento entre os povos, entendimento da perspetiva do outro e pela sua crença, compreensão pela diferença... Atendendo a isto, pareceu-me que o projeto, teria também uma dimensão social, emergindo como uma proposta e um símbolo de entendimento entre as diferentes religiões. Estas duas ideias principais tornaram o programa mais complexo e, por consequência, tiveram que ser previstas uma série de outras dependências; obrigou a pensar a relação entre os espaços e na configuração dos mesmos, na sua expressão formal, etc. Ao mesmo tempo que pensava no sarilho em que me havia metido, senti alívio por ver que o novo programa, apesar de mais complexo, proporcionava linhas de orientação bastante sólidas que permitiam avançar com o projeto. Tornou-se claro que estas novas pretensões iriam resultar no redimensionamento do equipamento, e que se tornariam necessários vários elementos: uma receção para tratar das burocracias inerentes às questões fúnebres, um espaço de estar para as pessoas que esperam as cerimónias ou as cinzas, os indispensáveis sanitários, um vestiário destinado aos sacerdotes e aos técnicos que tratam da cremação, uma zona de trabalho destinada ao tratamento dos restos mortais, etc...

Pareceu-me indispensável que existisse uma ligação automóvel entre a rua e o espaço de cremação, da mesma forma que pareceu evidente que teria que haver um espaço para arrumar as alfaias religiosas, cadeiras ou tapetes, colocando no espaço de celebração, unicamente os elementos relativos à religião que naquele momento aí estivesse a realizar a sua cerimónia. Este momento representou uma espécie de regresso à casa de partida, com novos apontamentos, outros primeiros esboços, ainda que, no entanto, algumas ideias da primeira abordagem tenham deixado raízes.

A ideia de manter o espaço de celebração numa relação muito próxima com o adro manteve-se, no entanto, o espaço de celebração começou a “ganhar altura”, tornou-se obvio que a altura do pé-direito e a sua relação com a dimensão da base,

teriam um papel fundamental na criação de um espaço destas características, dedicado às questões espirituais. O outro motivo que consolidou esta ideia, surgiu da necessidade de criar um espaço para que as mulheres, no âmbito do judaísmo, pudessem assistir às celebrações.

Nesta fase, o acesso ao equipamento fazia-se pelo lado da estrada que ali passa, a uma cota mais alta; estas ideias aguentaram-se mas, estava tudo ainda muito frágil; a receção não estava bem, a relação desta com a zona de espera era terrível, a ligação do espaço de cremação à rua era péssima. Enfim!... Ainda havia muito caminho a percorrer e faltava um átrio, é claro que faltava um átrio! Um espaço deste tipo teria que ter um!

As coisas começaram a sedimentar, o espaço de celebração tornou-se, não sendo de espera outra coisa, o centro de todo o conjunto e à volta do qual tudo começou a gravitar. Ganhou corpo, também, a ideia da caixa de luz na zona de repouso do caixão; uma espécie de apontamento com um carácter da ordem do onírico. Certas coisas começavam a ganhar consistência, ao passo que outros como o espaço de cremação, o átrio e outros, não estavam bem. Não! Ainda não era aquilo!

A dada altura, pareceu-me que a cota do chão do espaço de celebração e a da varanda ou coro, estavam muito distantes e havia que aproxima-los de alguma forma. As soluções só podia ser duas: ou baixava a cota da varanda, coisa que me parecia desajustado, ou subia a cota do chão do espaço de celebração, coisa que também não me agradou muito a principio, uma vez que a afastava da cota do adro. Ainda assim, a solução passou por aí, por subir a cota do chão do espaço de celebração. Resolvido isto, levantou-se outra questão: saber quanto é que esta cota subiria. Ao investigar o islamismo, tomei conhecimento dos seus cinco pilares; cinco passos ou ações que os muçulmanos tem que realizar para poder aceder ao paraíso. Cinco pilares, cinco passos, cinco degraus! Tinha achado a altura da cota do chão do espaço de celebração: cinco degraus “de altura” a contar da cota do adro.

A propósito do islão, tenho que fazer uma referência a propósito da orientação do espaço de celebração e do equipamento. Ainda aqui não tinha mencionado que a orientação dos espaços religiosos islâmicos, foi decisiva para determinar a implantação da casa mortuária. Já há muito havia decidido que o espaço de celebração, pelo menos, teria que ficar orientado para este, porem, havia também a forma como o equipamento iria estabelecer a frente de rua. Uma disposição axial em relação a este parecia bem, contudo, havia já um edifício a criar uma linha de frente de rua ainda que esta, tivesse uma ligeira torção no sentido sudeste. Ao consultar o mapa, verifiquei que este alinhamento era orientado de forma mais correta no sentido da cidade de Meca. Estava assim encontrada a orientação do

edifício, a disposição da frente de rua mas, acima de tudo, estava encontrada uma das principais geratrizes do projeto.

Com o tempo, considerei que a urna devia repousar num espaço próprio, destacado, na relação com o espaço de celebração mas com alguma independência em relação a este. O defunto já não pertence ao reino dos vivos e encontra-se num espaço de transição para a vida do além. A metáfora era esta! Por este motivo, a decisão foi a de criar um espaço entre a zona de celebração, onde se encontram os vivos e, o espaço de cremação: o destino final do corpo. Havia neste momento duas questões importantes: este espaço deveria ter uma iluminação especial e a outra questão era que, com o estado em que o projeto se encontrava, não havia espaço para conseguir isto. Ao avançar com a parede da caixa de luz, prevista para este espaço, obrigava-me a mudar a receção (que se encontra no segundo piso) de lugar e o problema é que me parecia a mim que a receção estava no lugar ideal. Entre voltas e mais voltas, experimentei inclinar a parede da caixa de luz! Realmente, desta forma conseguia ter espaço para as duas coisas: o espaço necessário para albergar o caixão e a respetiva caixa de luz e o espaço da receção mantinha-se no lugar onde estava. Esta parede apresentava-se como um elemento de alguma tensão mas, a morte também é um momento de de grande tensão! Estava condizente com a ocasião. Adiante!...

O espaço de celebração começou gradualmente a fechar-se, a perder aberturas para o exterior. Pareceu-me que os espaços de culto são lugares de introspeção, de interioridade e a luz, tal como a luz divina, teria que vir de cima. Foi desta forma que a ideia da abertura zenital começou a ganhar consistência...

Naturalmente que, sobre a evolução do projeto e, sobre o projeto tal como se apresenta hoje, muito mais haveria que dizer, muitas foram e são as nuances, os avanços e recuos mas, até porque o tempo urge, entendo ser oportuno terminar por aqui. Até porque, convenhamos, deve deixar-se sempre alguma coisa por dizer, para que esta possa ser descoberta...

7-Conclusão

A realização deste trabalho teve como objetivo a criação de um espaço de celebração de rituais fúnebres plurirreligioso e também destinado a não crentes, com um espaço de cremação associado. O trabalho foi desenvolvido em duas partes que tiveram um mesmo objetivo: a criação de um projeto de arquitetura para um edifício com as caraterísticas indicadas em cima. Uma das partes consistiu no desenvolvimento do projeto em si e a outra parte consistiu no desenvolvimento de um trabalho de estudo e pesquisa sobre os elementos considerados relevantes para compreender as especificidades de um edifício com estas caraterísticas e ao mesmo tempo perceber a viabilidade da implantação de um edifício deste tipo no local proposto para o efeito.

Feita a análise do território e no âmbito da freguesia de Penajóia, verificou-se que é no lugar de Vila-Chã que se realiza o maior número de funerais e é também aí que se encontra o cemitério mais utilizado. Conclui-se que com a introdução do equipamento a população tem a possibilidade de utilizar um espaço mais adequado aos tempos atuais sem que haja impedimento de que se realizem as cerimónias religiosas que normalmente decorrem na igreja que aí se encontra. Conclui-se também que o enquadramento do edifício numa zona periférica do concelho promove uma ideia de descentralização, ajudando a atenuar o processo de desertificação...

No que diz respeito à prática da cremação, verificou-se que esta a ter um grande aumento no nosso país e que apesar dos crematórios já existentes, percebeu-se que mais terão que ser criados de forma a poder responder às necessidades e à procura crescente. Percebeu-se também que na região não existe um equipamento deste tipo e, neste sentido, verifica-se que existe de facto, a necessidade da criação de um equipamento deste género como forma de colmatar esta lacuna. Suprimindo não só, as necessidades ao nível local e concelhio mas também as necessidades de toda a região, que se encontra sem um espaço de cremação.

No que diz respeito aos rituais, nomeadamente aos rituais de passagem e mais concretamente aos rituais fúnebres, verificou-se que a sua prática já em tempos ancestrais, mantendo-se nos nossos dias... Verificou-se que estes rituais são praticados por pessoas de todas as confissões religiosas e que as religiões têm previsto o protocolo para a realização dos referidos rituais. Constatou-se que para as pessoas que não professam nenhum tipo de confissão religiosa também são realizados rituais fúnebres. Em ambos os casos se verifica a procura a procura por

“espaços que sejam condizentes às questões espirituais”. No caso das religiões abordadas, o cristianismo, o islamismo e o judaísmo, e no que diz respeito aos rituais fúnebres, verificou-se que em cada uma existem características próprias, verificando-se, no entanto, pontos em comum; verificou-se que em todas, uma parte dos rituais é realizada num espaço comunitário, consagrado, destinado às questões religiosas.

Um dos objetivos do trabalho foi o de perceber a natureza compositiva/espacial dos edifícios dedicados às questões espirituais e a forma como estes podem potenciar uma relação com o transcendente. Percebeu-se que a qualidade da arquitetura está pendente da eficácia com que serve o seu propósito. A sua eficácia está para além do programa a que responde, não sendo determinada simplesmente pela criação de condições que assegurem o seu funcionamento. Concluiu-se que a arquitetura, quando arte, tem a capacidade de proporcionar experiências que despertam os sentidos e as emoções e só aí se pode considerar um espaço como inefável; só aí, a arquitetura tem a capacidade de transmitir a dimensão espiritual e sagrada de um lugar. A luz, nomeadamente a luz natural, pode ter um papel preponderante no que diz respeito à construção de um espaço destas características... A forma como a luz é controlada, como entra e preenche o espaço é fundamental para criar “atmosferas” condizentes e capazes de potenciar uma experiência espiritual...

O estudo da evolução dos edifícios religiosos cristãos muçulmanos e judaicos, permitiu perceber as suas particularidades e características, permitindo, ao mesmo tempo perceber que são muitos os elementos que tem em comum. Muitas vezes se verificou a adoção de lugares sagrados de religiões anteriores para a construção de edifícios religiosos de uma outra crença. Em muitas ocasiões se verificou a apropriação de um edifício religioso para as práticas de uma outra religião... As três religiões citadas não são exceção como se pode verificar inclusivamente no nosso território e ao longo do tempo; igrejas foram adaptadas a mesquitas, mesquitas adaptadas a igrejas...

Percebeu-se que a orientação das mesquitas, sempre no sentido este (no caso português), não entra em conflito com as exigências dos edifícios cristãos ou judaicos, sendo até a orientação privilegiada por estas duas últimas. A utilização do púlpito é comum tanto a cristão como a muçulmanos... Percebeu-se que a varanda ou coro, utilizado em muitos edifícios cristãos é também prevista nos templos judaicos, sendo aí que as mulheres assistem às celebrações. No que diz respeito ao espaço de celebração, o que é procurado pelas religiões citadas, é que este espaço tenha a capacidade de, como anteriormente referido, potenciar uma

experiência sensorial que induza à espiritualidade. O que muda são os elementos não espaciais: com cadeiras ou bancos, o espaço serve os propósitos cristãos e judaicos, retirando as cadeiras e colocando tapetes, ficam servidos os propósitos islâmicos.

No fundo, o mesmo espaço pode perfeitamente servir para as práticas destas religiões desde que para tal seja consagrado. O que torna um espaço consagrado são as alfaias religiosas, alguns elementos de mobiliário e os elementos simbólicos de determinada religião. Colocando as coisas de forma simplificada, pode dizer-se que o espaço passa a ser consagrado ao judaísmo se nele for colocada uma cruz, o mesmo espaço passa a ser consagrado ao judaísmo se nele se colocar a tevá ou ainda, passará a ser consagrado ao islão se nele se dispuser a meia lua...

Referências Bibliográficas

Dissertações e Teses

FERNANDES, Sofia Garrocho. (2015) *As igrejas de Álvaro Siza – Tensão entre a identidade e o confinamento das práticas religiosas*. (Dissertação de mestrado). Obtido de <http://hdl.handle.net/10316/29263>

Paiva, Rita (2010). *Luz e sombra. A estética da luz nas igrejas de Sta. Maria e da Luz, de Siza e Ando*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Obtido de <http://hdl.handle.net/10362/5746>

Ortiz, S. (2020). *O espiritual e a cena: a transformação do espaço cénico dos espetáculos de Peter Brook* (Tese de doutoramento). Escola de Comunicações e Artes, São Paulo. Obtido de <https://doi.org/10.11606/T.27.2020.tde-13042021-152939>

Silva, D. (2019). *Resistência cultural num espaço "transmaterial": o significado do Templo para a identidade judaica*. (Tese de doutoramento). Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas. Brasília. Obtido de <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34382>

Lopes, Emanuel (2011). *Projecto de novo crematório em Hietaniemi: Helsínquia-Finlândia*. (Dissertação de mestrado). Universidade da Beira Interior. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.6/2264>

Gomes, Sergio (2011). *A arquitetura das sinagogas: exemplos relevantes e sua transformação no tempo*. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo. Obtido de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-19012012-092731/>

Xisto, Brenda (2012). "*Assunto encerrado*"? *Atitudes contemporâneas perante a morte e a cremação em Lisboa*. (Dissertação de mestrado). Universidade de Lisboa, Lisboa. Obtido de <http://hdl.handle.net/10451/7984>

Cativo, Maria (2016). *Arquitetura de Espaços Religiosos Contemporâneos - Análise Morfológica*. (Dissertação de mestrado). Obtido de <https://fenix.tecnico.ulisboa.pt/cursos/ma/dissertacao/846778572211659>

Resende, Regina (2007). *Formas arquitetônicas clássicas em edifícios religiosos do Período Bizantino*. (Dissertação de mestrado). Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo. Obtido de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-09052007-122147/>

Martins, Miguel (2019). *Edifícios religiosos enquanto espaços arquitetónicos em mutação*. (Dissertação de mestrado). Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura, Lisboa. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.5/18341>

Costa, Leandra (2013). *A luz como moderadora do espaço na arquitetura*. (Dissertação de mestrado). Universidade da Beira Interior. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.6/2154>

Mendes, J. (2013). *A dimensão espiritual do ser humano: o diagnóstico de angústia espiritual e a intervenção de enfermagem*. (Tese de doutoramento). Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.14/10561>

Oliveira, L. (2013). *A arquitetura do sagrado – O sagrado da arquitetura*. (Tese de doutoramento). Universidade Católica de Goiás, Brasil. Obtido de <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/4462>

Brenda Orvalho de Oliveira Xisto (2012). "*Assunto encerrado*"? *Atitudes contemporâneas perante a morte e a cremação em Lisboa*. (Tese de Mestrado em Antropologia Social e Cultural). Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, Lisboa.

Artigos

Rodolpho, A. (2004). *Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica*. (Artigo). Obtido de

http://est.tempsite.ws/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/560

Campelo, A. (2019). *Viver e exhibir o sagrado. Palcos e bastidores da sacralidade na contemporaneidade*. Obtido de <http://hdl.handle.net/10284/7716>

Cordeiro, J. (2018). *O símbolo, o sinal e o rito na Liturgia da Igreja*. (Artigo). Obtido de

<https://adbqc.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/12/2018/10/Comunica%C3%A7%C3%A3o-D-Jose-Cordeiro-O-s%C3%ADmbolo-o-sinal-e-o-rito-na-Liturgia-da-Igreja.pdf>

Vilaça, Helena (2013) *Novas paisagens religiosas em Portugal: do centro às margens*. (artigo) Obtido de

http://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_view?Pi_pub_base_id=77359tps

Dias, Patricia (2009). *Ritos e rituais –Vida, morte e marcas corporais: A importância desses símbolos para a sociedade*. (Artigo). Obtido de <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/328>

Coutinho, J. (2012). *Religião e outros conceitos*. (Artigo) Obtido de <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/1412>

Silva, Cidália. *Apontamentos sobre a arquitectura religiosa do século XX em Portugal*. (2001) Obtido de

https://www.academia.edu/905631/Apontamentos_sobre_a_Arquitectura_Religiosa_do_s%C3%A9c_XX_em_Portugal

Amar Assist (21 de maio de 2021). *A História dos rituais fúnebres. 18 de agosto de 2021*. <https://amarassist.com.br/artigos/a-historia-dos-rituais-funebres>

Nelson Marques (26 de fevereiro de 2017). *O negócio da morte*. 20 de agosto de 2021. https://expresso.pt/sociedade/2017-02-26-O-negocio-da-morte?fbclid=IwAR2QU5inudDm0xOGmP6ULdG5AZ3f4ex7iVihq57keD4e2IeHSaOp1Fp_KGk

Nascer do Sol (23 de agosto de 2018). *A cremação é uma tendência crescente em Portugal*. 20 de agosto de 2021. <https://sol.sapo.pt/artigo/623473/-a-cremacao-e-uma-tend-ncia-crescente-em-portugal?fbclid=IwAR2FrRCL2KvsuC6qOiFsC3rgS6UXJeqhnQUq3CmZIp2F-yH404bcM8h2n6w>

Redação Mundo Estranho (12 de fevereiro de 2019). *Como é feita a cremação de cadáveres?* 23 de agosto de 2021. <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-e-feita-a-cremacao-de-cadaveres/>

Grupo Zelo (26 de junho de 2019). *O que é a cremação e como é feito o processo de cremação humana?* 23 de agosto de 2021. <https://grupozelo.com/o-que-e-a-cremacao-e-como-e-feito-o-processo-de-cremacao-humana/>

Mariana Madrinha (17 de agosto de 2020). *Ritos funerários. Há nove mil anos já havia cremações*. 23 de agosto de 2021. https://ionline.sapo.pt/artigo/706072/ritos-funerarios-ha-nove-mil-anos-ja-havia-cremacoes?seccao=Mais_i

Correio da Manhã (10 de fevereiro de 2008). *Cremações duplicaram*. 24 de agosto de 2021. <https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/cremacoes-duplicaram>

Rafaela Simões (25 de janeiro de 2021). *Crematórios com lista de espera até cinco dias*. 24 de agosto de 2021. <https://magg.sapo.pt/atualidade/atualidade-nacional/artigos/crematorios-com-lista-de-espera-ate-cinco-dias>

Arnaldo Martins (4 de abril de 2020). *Portugal com capacidade para fazer 180 cremações por dia*. 24 de agosto de 2021. <https://www.in.pt/nacional/portugal-com-capacidade-para-fazer-180-cremacoes-por-dia-12029851.html>

Legislação

Diário do Governo n.º 41/1911, Série I de 1911-02-20

Diário do Governo n.º 254/1958, Série I de 1958-11-22

Web-endereços

Dicionário Priberam. *Cremação*. 18 de agosto de 2021.
<https://dicionario.priberam.org/cremação>

Wikipédia. *Cremação*. 18 de agosto de 2021.
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Cremação>

Infopédia. *Urna*. 18 de agosto de 2021.
<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/urna>

paroquiadepenajoia.pt

www.cm-lamego.pt

pt.wikipedia.org

www.museudodouro.pt

www.cm-lamego.pt/io/pdm

www.google.pt

www.rei-artur.com

www.portaldoclima.pt/pt/

www.igrejasantamaria.pt

alvarosizaviera.com

www.averdade.com/

www.portugalfotografiaaerea.blogspot.com/

www.hiddenarchitecture.net/

www.snpcultura.org

www.cm-marco-canaveses.pt

www.world-architects.com

architexturez.net

www.dezeen.com

observador.pt

mtarchitekts.com

www.munich.travel

www.bavaria.by

www.pinterest.pt

www.tripadvisor.com.br

Livros

Frampton, Kenneth. (2000) *Álvaro Siza- Obra completa*. Barcelona: Gustavo Gili

Siza, Álvaro. (1998) *Imaginar a evidência*.

Frampton, K. (2000) *Álvaro Siza- Imaginar a evidência*. Barcelona.

Figueiredo, T. (2015). *Proteção do solo em viticultura de montanha*.

Ferreira, P. (1907). *Tentativa etymologico-toponymica*.

Viterbo, J. (1865). *Elucidário das palavras*.

Fernandes, A. (1999). *Toponímia portuguesa: exame a um dicionário, Associação para a defesa da cultura arouquense*.

Pinho Leal, A. (1873). *Portugal antigo e moderno*.

Azevedo, J. (1878). *História ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego. Typographia do jornal do Porto*

Zumthor, Peter (2009). *Atmosferas*

Mumford, Lewis (1982). *A cidade na história – Suas origens, transformações e perspectivas*. Martins fontes/Editora Universidade de Brasília. São Paulo.

Morin, Edgar (1970). *O homem e a morte*. Publicações Europa-América, Lda. Lisboa.

Holmet al., (1994). *Ritos de passagem*. Publicações Europa-América, Lda. Lisboa.

Holm e tal., (1994). *Práticas de culto*. Publicações Europa-América, Lda. Lisboa.

Costa, M. (1979). *História do bispado e cidade de Lamego*. Vol. II, Gráfica de Barbosa e Xavier. Lamego.

Dionísio, J. (2005). *Paróquia de Penajóia. Um tempo e um espaço à beira Douro*.

Oliveira, B. (1998). *Barqueiros – Pórtico do Douro Vinhateiro*. Vol. III , Douro – Estudos e documentos.

Costa, A. (1997). *Alto Douro, terra de vinho e de gente, A vida quotidiana alto-duriense no primeiro terç do século XX*. Edições Cosmos. Lisboa

Laranjo, F. (1995). *No compasso do concelho de Lamego (24 Freguesias)*. C.M.L. Lamego

Índice de Imagens

Imagem 1 - Interior da igreja do convento de La Tourette - Le Corbusier(https://www.pettydesign.com/2008/01/11/post-visit-la-tourette/)	19
Imagem 2 - Interior da igreja de "Notre Dame du Haut" (Ronchamp) - Le Corbusier(https://blog.massengale.com/2016/09/15/ronchamp/)	20
Imagem 3 - Salk institue - Louis Kahn(https://www.teahub.io/viewwp/oiowiJ_salk-institute-sunset-equinox/)	21
Imagem 4 - Interior da biblioteca de Exeter - Louis Kahn(https://en.wikiarquitectura.com/building/phillips-exeter-academy-library/). 21	
Imagem 5 - Interior da "casa do parlamento nacional", Bangladesh - Louis Kahn(https://usa.flos.com/blog/spotlight-on-louis-kahn-architect-in-light).....	21
Imagem 6 - Igreja do século IV, Paphos, Chipre(https://pt.dreamstime.com/foto-de-stock-igreja-de-chrysopolitissa-do-s%C3%A9culo-iv-em-paphos-chipre-image78113026)	22
Imagem 7 - Catedral do século XII, Sens, França(https://structurae.net/en/structures/sens-cathedral)	22
Imagem 8 - Igreja do século XX, Riola, Itália(https://www.atlantearchitettura.beniculturali.it/en/chiesa-di-santa-maria-assunta/)	22
Imagem 9 - Catedral românica, interior, século XII, Lisboa, Portugal(https://www.estilosarquitectonicos.com.br/arquitetura-romanica/)	24
Imagem 10 - Catedral gótica, interior, Beauvais, França(https://www.wikiwand.com/pt/Arte_g%C3%B3tica)	24
Imagem 11 - Igreja, interior, século XX, Osaka, Japão(https://nl.pinterest.com/pin/44613852529736183/?amp_client_id=CLIENT_ID(&mweb_unauth_id={{default.session}}&simplified=true))	24
Imagem 12 - A "grande mesquita", Meca, Arábia Saudita(https://pt.khanacademy.org/humanities/approaches-to-art-history/understanding-religion-art/islam/a/the-kaaba).....	26
Imagem 13 - Interior da sinagoga de Madrid, Espanha(https://www.abc.es/espana/madrid/abci-huellas-madrid-judio-legado-oculto-201701292209_noticia.html)	28
Imagem 14 - A igreja de Sta. Maria, vista aérea(https://espacodearquitectura.com/projetos/igreja-santa-maria-de-canaveses/).....	31
Imagem 15 - Perspetiva da igreja(https://espacodearquitectura.com/projetos/igreja-santa-maria-de-canaveses/).....	31

Imagem 16 - Perspetiva da zona de entrada da igreja(https://www.snpcultura.org/igreja_marco_canaveses_siza_vieira_15_anos.html)	31
Imagem 17 - Perspetiva da igreja(https://www.igrejasantamaria.pt/igreja/)	31
Imagem 18 - Imagem do interior da igreja com o altar ao fundo(https://www.archdaily.com.br/br/01-56992/classicos-da-arquitetura-igreja-de-santa-maria-alvaro-siza)	32
Imagem 19 - Perspetiva do interior da igreja com a porta de entrada ao fundo, o coro em cima à esquerda e o batistério em baixo à direita(https://www.pinterest.pt/pin/767934173937008365/)	32
Imagem 20 - Vista aerea da mesquita Baiut Ur Rouf(https://twitter.com/alserkalavenue/status/1013318068968345601)	35
Imagem 21 - Perspetiva da entrada da mesquita(https://www.akdn.org/pt/architecture/project/mesquita-de-bait-ur-rouf).....	35
Imagem 22 - Imagem do interior da mesquita(https://www.akdn.org/pt/architecture/project/mesquita-de-bait-ur-rouf).....	36
Imagem 23 - Perspetiva da parede circular e do espaço de oração(https://www.akdn.org/pt/architecture/project/mesquita-de-bait-ur-rouf).....	36
Imagem 24 - Perspetiva do espaço de oração(https://www.akdn.org/pt/architecture/project/mesquita-de-bait-ur-rouf) .	36
Imagem 25 - Imagem da maquete(https://www.pinterest.pt/pin/378865387384086462/)	39
Imagem 26 - Perspetiva do exterior do edifício(https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g187309-d242842-Reviews-Jewish_Museum_Munich_Judisches_Museum_Munchen-Munich_Upper_Bavaria_Bavaria.html).....	39
Imagem 27 - Imagem do interior da sinagoga(https://www.archdaily.com/317862/the-jewish-center-in-munich-wandel-hoefer-lorch-hirsch/50f08874b3fc4b313d000181-the-jewish-center-in-munich-wandel-hoefer-lorch-hirsch-photo).....	40
Imagem 28 - A luz no interior da sinagoga(https://www.tripadvisor.com/LocationPhotoDirectLink-g187309-i118232958-Munich_Upper_Bavaria_Bavaria.html).....	40
Imagem 29 - Exemplo de Urna pra as cinzas. Fonte: shutterstock.com	49
Imagem 30 - Forno crematório moderno. Fonte: shutterstock.com	50
Imagem 31 - Forno crematório mais antigo. Fonte: shutterstock.com.....	50
Imagem 32 - Câmara fria, onde são conservados os corpos até que seja o momento da cremação. Fonte: Juarez Coimbra, Como Funciona o	

Acondicionamento de Cadáveres? (https://anecropsia.com.br/acondicionamento-de-cadaveres/)	50
Imagem 33 - Paisagem da freguesia (vista do adro da igreja)	65
Imagem 34 - Lote de implantação	71

Índice de Ilustrações

Ilustração 1 - Igreja de sta. Maria, implantação geral(https://www.archdaily.com.br/br/01-56992/classicos-da-arquitetura-igreja-de-santa-maria-alvaro-siza)	33
Ilustração 2 - Igreja de Sta. Maria - Planta do 1º piso(https://www.pinterest.pt/pin/767934173939082079/)	33
Ilustração 3 - Igreja de Sta. Maria - Corte (https://www.miesarch.com/work/2055)	33
Ilustração 4 - Mesquita Bait Ur Rouf, implantação geral	37
Ilustração 5 - Planta do rés-do-chão(https://architexturez.net/file/bait-ur-rouf-mosque-01-jpg)	37
Ilustração 6 - Planta da cobertura(https://architexturez.net/file/bait-ur-rouf-mosque-01-jpg)	37
Ilustração 7 - Mesquita Bait Ur Rouf, corte(https://archnet.org/sites/15120/media_contents/112736)	37
Ilustração 8 - Sinagoga Ohel Jakob, implantação geral(https://www.archdaily.com/317862/the-jewish-center-in-munich-wandel-hoefer-lorch-hirsch/50f088a6b3fc4b313d000186-the-jewish-center-in-munich-wandel-hoefer-lorch-hirsch-site-plan)	41
Ilustração 9 - Diagrama do edifício(https://www.archdaily.com/317862/the-jewish-center-in-munich-wandel-hoefer-lorch-hirsch/50f088a9b3fc4b313d000187-the-jewish-center-in-munich-wandel-hoefer-lorch-hirsch-diagram)	41
Ilustração 10 - Planta da sinagoga(https://www.archdaily.com/317862/the-jewish-center-in-munich-wandel-hoefer-lorch-hirsch/50f088aeb3fc4b313d000188-the-jewish-center-in-munich-wandel-hoefer-lorch-hirsch-plan)	41
Ilustração 11 - Sinagoga Ohel Jakob, corte(https://www.archdaily.com/317862/the-jewish-center-in-munich-wandel-hoefer-lorch-hirsch)	41
Ilustração 12 - Igrejas, capelas e cemitérios (autor, 2021)	68
Ilustração 13 - Espaços de cremação (Google maps)	69
Ilustração 14 - Organigrama do projeto	79
Ilustração 15 - Implantação geral	102
Ilustração 16 - Planta do piso 0	103
Ilustração 17 - Planta do piso 1	103
Ilustração 18 - Corte A	104
Ilustração 19 - Corte B	104
Ilustração 20 - Linhas de corte	104

Índice de Figuras

Figura 1 - Localização de Lamego(Rei-artur.com)	59
Figura 2 – A freguesia e o concelho(Gazilion,2020)(https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Lamego_freguesias_2013.svg)	60
Figura 3 - Carta geológica da Região Demarcada do Douro(https://www.museudodouro.pt/regiao-demarcada-do-douro)	61
Figura 4 - Índice de temperatura(https://www.museudodouro.pt/regiao-demarcada-do-douro).....	61
Figura 5 - Índice de pluviosidade(https://www.museudodouro.pt/regiao-demarcada-do-douro).....	61
Figura 6 - Mapa higrométrico(https://quintaalta.pt/wp-content/uploads/2019/09/regiaodemarcada.jpg)	62
Figura 7 - Acessibilidades da Freguesia de Penajóia(http://cardoso-penajoia.blogspot.com/2007/06/mapa-do-concelho-de-lamego.html).....	63
Figura 8 - Demografia da Penajóia(https://pt.wikipedia.org/wiki/Penajoia)	64

Anexos

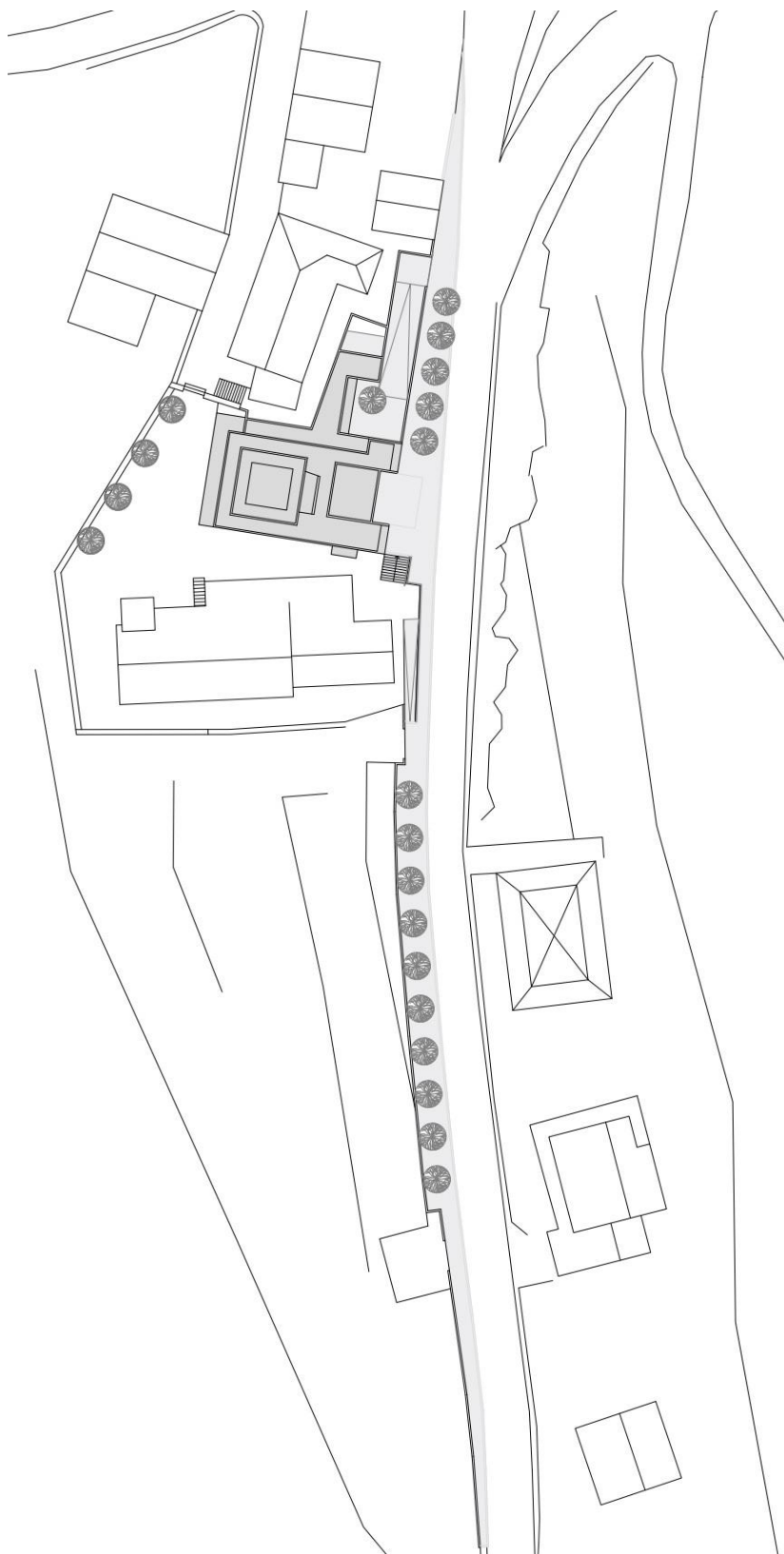
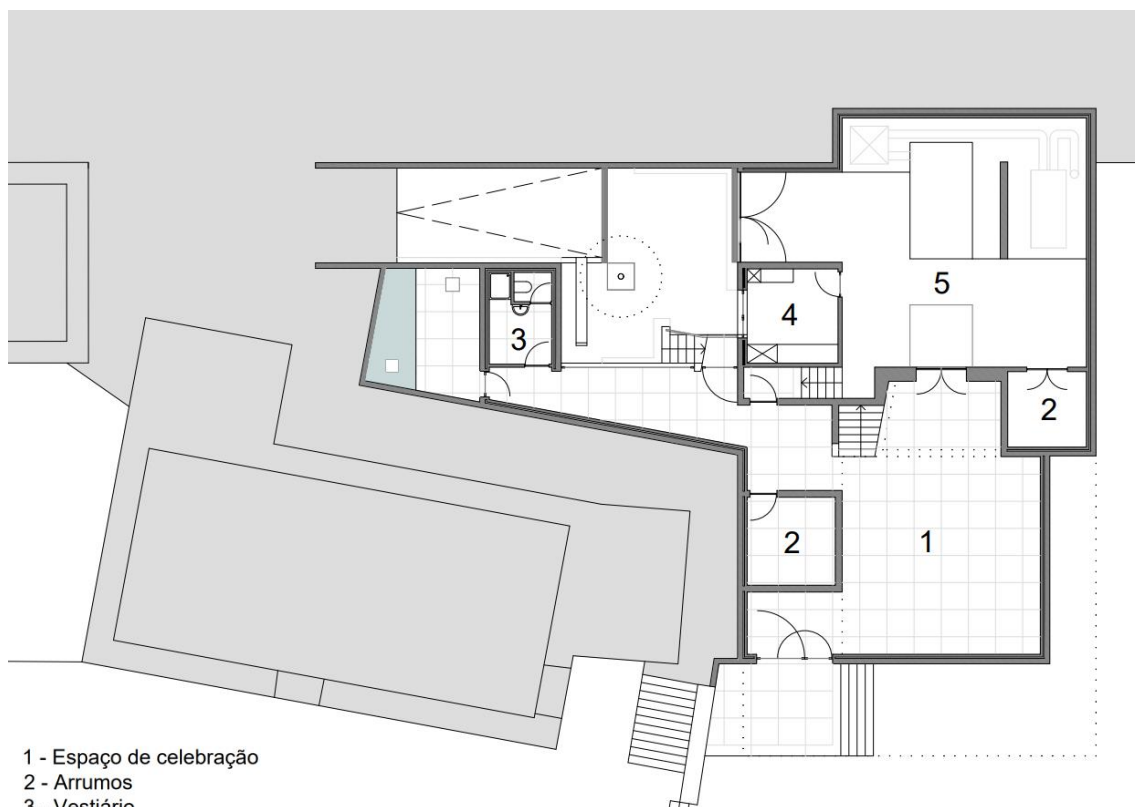


Ilustração 15 - Implantação geral



- 1 - Espaço de celebração
- 2 - Arrumos
- 3 - Vestiário
- 4 - Zona de trabalho
- 5 - Espaço de cremação
- 6 - Recepção
- 7 - Secretaria
- 8 - W.C.
- 9 - Zona de estar/espera
- 10 - Côro
- 11 - Púlpito

Ilustração 16 - Planta do piso 0

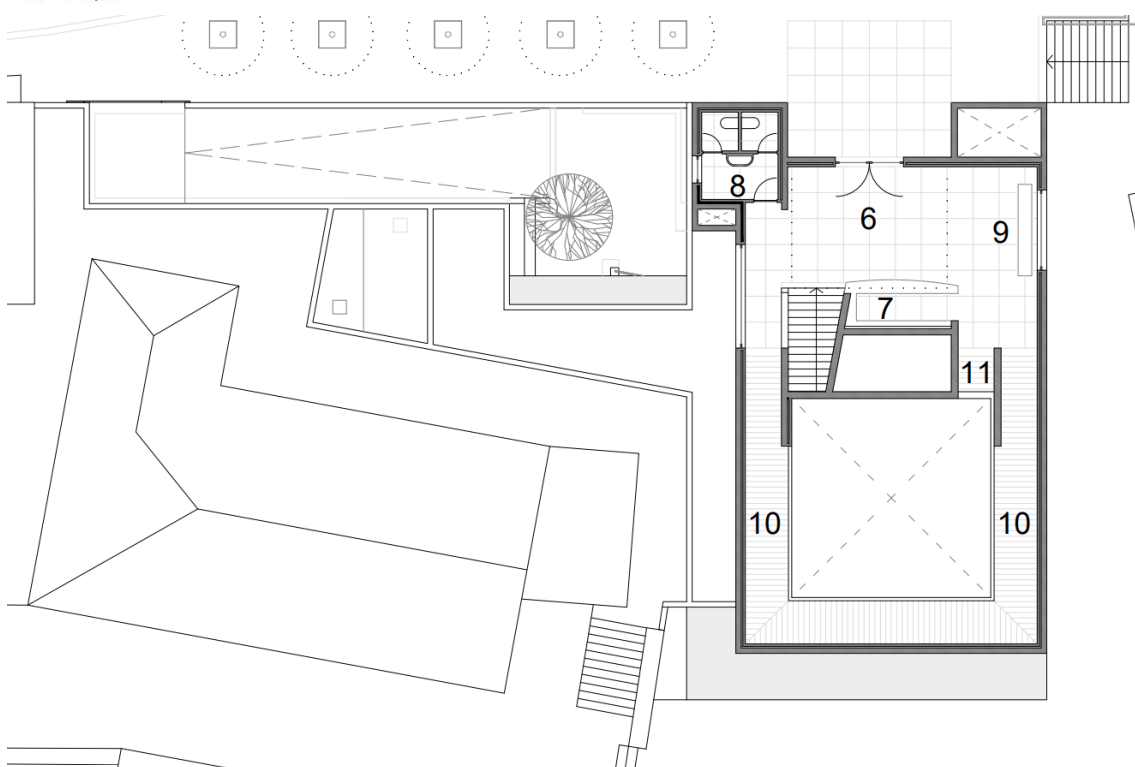


Ilustração 17 - Planta do piso 1

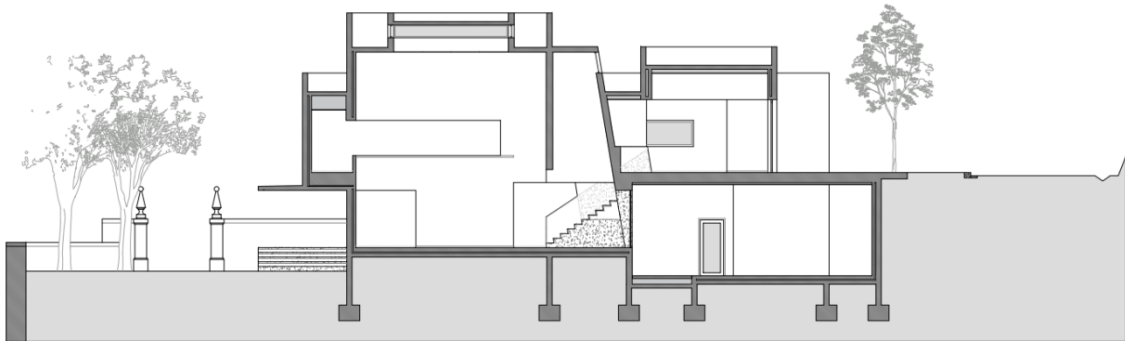


Ilustração 18 - Corte A

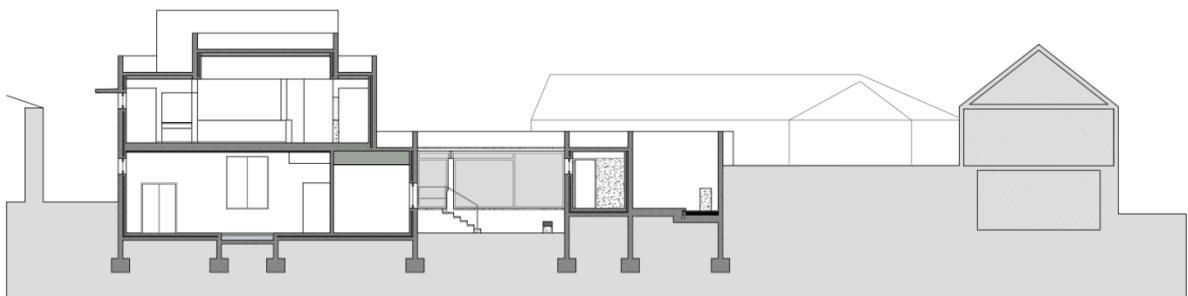


Ilustração 19 - Corte B

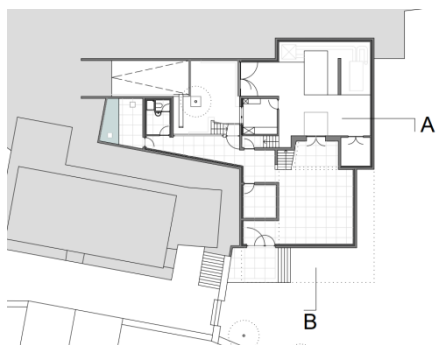


Ilustração 20 - Linhas de corte